

Luiz Henrique de Moraes Silva

**A REVOLUÇÃO CULTURAL E OS APARELHOS DE
HEGEMONIA - O PAPEL DA INDÚSTRIA CULTURAL NA
SUBVERSÃO DO *ETHOS* OCIDENTAL**

**Viçosa/ MG
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV
2010**

Luiz Henrique de Moraes Silva

**A REVOLUÇÃO CULTURAL E OS APARELHOS DE
HEGEMONIA - O PAPEL DA INDÚSTRIA CULTURAL NA
SUBVERSÃO DO *ETHOS* OCIDENTAL**

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Marcel Henrique Ângelo

Viçosa/ MG
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV
2010

“Não há idéias velhas, nem idéias novas. Há e haverá sempre idéias sãs e idéias falsas.”
Antonio Sardinha

“Comme toutes les doctrines qui ont troublé le repos du monde, le socialisme n'a de puissance que par beaucoup de vérités mêlées de beaucoup d'erreurs.” *Antoine Frédéric Ozanam*

“the modern revolutionist, being an infinite sceptic, is always engaged in undermining his own mines. In his book on politics he attacks men for trampling on morality; in his book on ethics he attacks morality for trampling on men. Therefore the modern man in revolt has become practically useless for all purposes of revolt. By rebelling against everything he has lost his right to rebel against anything.” *G. K. Chesterton*

AGRADECIMENTOS

Ao Altíssimo, em primeiro lugar, que em sua bondade e misericórdia infinitas possibilitou que eu concluísse mais esta etapa da jornada. A Ele, honra, glória e louvor, pelos séculos sem fim.

À Ssma. *Theotokos*, nossa auxiliadora e intercessora infalível, que sempre está a nos ajudar em todos os momentos. *Ave Gratia Plena*.

Aos meus pais, Luiz Ferreira e Maria Rosa, por todo o apoio, amor e alento que me deram. Dificilmente eu chegaria a algum lugar sem o apoio e o amor deles.

Aos meus queridos avôs e avós. Os que intercedem por mim do Céu e os que estão conosco.

A todos os queridos tios e tias que rezaram, ajudaram ou torceram por mim, como a tia Carminha, por suas orações e conselhos, o tio Claudinei, e todos os outros.

A todos os amigos e amigas de Monte Santo e região, bem como aos primos e primas que também rezaram ou torceram. Também agradeço especialmente as orações de minha madrinha Dona Lica.

Ao Prof. Gilberto Nazaré, que me indicou autores e deu sugestões para este trabalho, bem como ao Pe. Tadeu dos Reis Ávila, com quem também tive proveitosa conversa antes de começar esta monografia.

Aos meus professores, especialmente ao Prof. Marcel, por ter aceitado orientar este trabalho e por toda a paciência e atenção que me prestou, ao Prof. Ricardo Duarte, que gentilmente aceitou de última hora fazer parte da banca, e ao Prof. Jeferson Boechat, que também aceitou avaliar este trabalho.

Aos queridos irmãos e irmãs do Grupo Católico de Estudo Bíblico Semente, do Ministério Universidades Renovadas, da Conferência Vicentina Santo Tomás de Aquino e de toda a SSVP, que me possibilitaram alguns dos melhores momentos que vivi enquanto estudante da UFV. Foram eles uma segunda família para mim em Viçosa.

Aos amigos Eliel e Leandro, bons ouvintes com quem partilhei idéias para a consecução deste trabalho.

Aos professores e companheiros da Academia Shaolin de Kung Fu, com quem aprendi muito e com quem passei momentos muito divertidos nos treinos e fora deles.

A todos aqueles que, de alguma forma, me presentearam com sua amizade ou sua generosidade durante estes anos em Viçosa.

Sumário

Introdução	9
1. Origens do Marxismo Ocidental	13
1.1 György Lukács e a “Luta pela Consciência da Sociedade”	14
1.2 Antônio Gramsci e os “Aparelhos de Hegemonia”	15
1.2.1 A receptividade brasileira do gramscismo	18
1.2.2 O jornalismo na concepção gramsciana	20
1.3 Frankfurt, Marcuse e a “Tiranía da Razão Repressiva”	22
2. O Maio de 1968 e a propulsão ideológica da Revolução Cultural.....	27
2.1 Outros ideólogos progenitores da Revolução Cultural.....	31
2.2 O alibi da Guerra do Vietnã.....	33
2.3 A inauguração dos costumes libertários.....	33
2.4 A chamada “herança maldita” de 68.....	35
3. A Contracultura invade a Indústria Cultural.....	37
3.1 O mercado editorial.....	39
3.2 Atividades de desinformação e subversão da URSS no Ocidente.....	40
3.3 Zé Celso e o “Teatro da Agressão”	45
3.4 Da <i>Nouvelle Vague</i> a Hollywood.....	47

3.5 Dias Gomes e a teledramaturgia brasileira.....	50
3.6 Um jornalismo sob a égide de Gramsci.....	54
3.7 O Rock'n Roll e a revolução musical.....	56
Conclusão.....	58
Referências Bibliográficas e Digitais.....	61

Resumo

Neste trabalho é explorada a influência de teóricos expoentes do chamado Marxismo Ocidental (cf. Anderson, 1976) – notadamente aqueles que desenvolveram teorias de crítica cultural, como Gramsci, Lukács, Althusser, e os expoentes da Escola de Frankfurt – em dois fenômenos históricos concomitantes: o irromper da revolução cultural ocidental, desencadeada sobretudo a partir das insurreições de 1968, que combateu e alterou conceitos, valores e padrões comportamentais, bem como a confecção de produtos culturais tributários daquela revolução, como as telenovelas brasileiras ou a música *rock'n roll*, por exemplo, que foram instrumentais na difusão de discursos ideológicos avessos a determinadas convenções morais do *ethos* ocidental, conforme a estratégia revolucionária prescrita por aqueles teóricos. Uma vez que no capítulo um é exposto o arcabouço teórico de uma *práxis* revolucionária elaborada para minar as resistências ocidentais à ascensão do socialismo – a “guerra cultural” –, e no capítulo dois são abordadas as demandas dos movimentos de contracultura e as sublevações de 1968 como frutos daquela *práxis*, no terceiro capítulo são apontados exemplos concretos de produtos culturais contemporâneos que encarnam uma guerra ideológica em curso contra valores tradicionais que já foram associados ao conceito de “cultura ocidental”. Ainda são citados agentes produtores de discurso inseridos na Indústria Cultural que assumiram difundir suas concepções ideológicas – as da chamada “nova esquerda” – através dos *media*, e usá-los para desacreditar crenças culturalmente enraizadas, a fim de instigar o surgimento de um “novo senso comum”, o que possibilitaria a instauração de um outro modelo de sociedade.

Palavras-chave:

Revolução Cultural, Marxismo Ocidental, Subversão, Indústria Cultural

Abstract

At this work we explored the influence of theorists from the so-called Western Marxism – essentially that ones who developed critical theories about the culture, as Gramsci, Lukács, Althusser, and the members of the Frankfurt School – in two concomitant historic events: the outbreak of the western cultural revolution, initiated mainly after the 1968's insurrections, which counteracted conceptions, values and behavior patterns, even as the making of cultural products stimulated by that revolution, like Brazilian soap-operas or the *rock and roll* music, for example, which were useful in the diffusion of ideological speeches against certain moral conventions from the western *ethos*, according the revolutionary strategy set by that theorists. Since in the first chapter it's exposed the theoretic framework of a revolutionary *praxis* elaborated to undermine the western resistance to socialism – “war on culture” –, and in the second chapter it's referred the demands of the counterculture movements and the 1968's upheavals as results from that *praxis*, in the third one we pointed concrete examples of contemporary cultural products that incarnate an ideological war in progress against traditional values that were ever associated to the concept of “western culture”. Also are mentioned cases of speech producers placed in the Culture Industry that achieved to disseminate their ideological conceptions – those ones from the so-called “new left” – by the *media*, using them to discredit culturally rooted beliefs, in order to instigate the birth of a “new common sense”, that would enable the founding of another model of society.

Key Words:

Cultural Revolution, Western Marxism, Subversion, Culture Industry

Introdução

No âmbito das especulações sobre o papel da Indústria Cultural na constituição do imaginário social, na formação da consciência coletiva, com o intuito de reproduzir e perpetuar o modelo estabelecido de organização social, muito já foi discutido, sobretudo a partir do surgimento da “teoria crítica” de Frankfurt. Contudo, no Brasil não se tem debatido suficientemente a respeito da utilização sistemática dos meios de produção cultural com um fim contrário àquele que os frankfurtianos lhe atribuíam: a subversão gradativa da ordem social estabelecida, através da mudança progressiva dos paradigmas culturais vigentes. É precisamente para este movimento sócio-político-cultural que este trabalho pretende apontar, sem pretender esgotar o assunto ou expor a totalidade das causas e desdobramentos de um fenômeno que, como se mostrará, é absolutamente inabarcável na sua totalidade.

Antes, convém lembrar, por um instante, o diagnóstico feito na *Dialética do Esclarecimento*, publicada em 1947, sobre o caráter da produção cultural vigorante naqueles anos, que é válido para muitos autores ainda hoje. Amplamente difundida e comentada, a concepção da Indústria Cultural naquela perspectiva fez com que esta fosse discutida subsequente sempre como uma poderosa ferramenta de legitimação e manutenção do capitalismo, através do controle psicológico constante e da instrumentalização do ser humano segundo as necessidades estruturais do sistema. Garantir que os indivíduos reproduzam, em seu próprio modo de vida, a lógica mesma do sistema, aceitando-a como natural e inescapável: eis a finalidade dos meios de produção cultural no capitalismo, segundo Adorno e Horkheimer (2006).

A violência da sociedade industrial instalou-se nos homens de uma vez por todas. Os produtos da indústria cultural podem ter a certeza de que até mesmo os distraídos vão consumi-los abertamente. Cada qual é um modelo da gigantesca maquinaria econômica que, desde o início, não dá folga a ninguém, tanto no trabalho quanto no descanso, que tanto se assemelha ao trabalho. É possível depreender de qualquer filme sonoro, de qualquer emissão de rádio, o impacto que não se poderia atribuir a nenhum deles isoladamente, mas só a todos em conjunto na sociedade. Inevitavelmente, cada manifestação da indústria cultural reproduz as pessoas tais como as modelou a indústria em seu todo. (ADORNO & HORKHEIMER, 2006, p. 119)

Ao determinar para as massas o consumo de produtos culturais e estilos de vida castradores dos seus “instintos revolucionários” (p. 143), a Indústria Cultural criaria um inescapável círculo no qual o “poder absoluto do capital” (p. 113) condicionaria a vida e o pensamento dos indivíduos. Levando-os a contribuírem com a reprodução do sistema até mesmo na “diversão”, isto é, até na trivialidade das atividades lúdicas, a Indústria Cultural lograria conformar as massas àquele círculo de produção e consumo, induzindo-as a aceitar passivamente a dinâmica desgastante e opressiva da realidade.

Na medida em que os filmes de animação fazem mais do que habituar os sentidos ao novo ritmo, eles inculcam em todas as cabeças a antiga verdade de que a condição de vida nesta sociedade é o desgaste contínuo, o esmagamento de toda resistência individual. Assim como o Pato Donald nos *cartoons*, assim também os desgraçados na vida real recebem a sua sova para

que os espectadores possam se acostumar com a que eles próprios recebem. (idem, p. 130)

Nos produtos culturais massificados que são oferecidos aos indivíduos, a sociedade burguesa à qual servem sempre aparece ilusoriamente como um modelo de liberdade e prosperidade. Há um constante desestímulo ao pensamento de que uma outra configuração sócio-econômica possa ser viável e desejável. Assim, velando o caráter de exploração intrínseco ao sistema e determinando toda a produção cultural, ela ofusca a percepção dos sujeitos – aqui transformados em objetos – para que não vejam que aquela ilusão é fabricada no âmago de um esquema de dominação ideológica onipresente.

Todos são livres para dançar e para se divertir, do mesmo modo que, desde a neutralização histórica da religião, são livres para entrar em qualquer uma das inúmeras seitas. Mas a liberdade de escolha da ideologia, que reflecte sempre a coerção econômica, revela-se em todos os sectores como a liberdade de escolher o que é sempre a mesma coisa. (ibidem, p. 156)

Adorno e Horkheimer consideravam até que o próprio erotismo moderado, presente em muitos produtos culturais já naquela época, constituía uma estratégia puritana do capitalismo para que os indivíduos se contentassem com a excitação proporcionada a eles virtualmente e reprimissem os seus impulsos “não sublimados”, recorrendo a uma renúncia ridicularizadora da pulsão sexual. O que, para eles, também ocorria na medida em que os mesmos produtos culturais endossavam, por outro lado, a necessidade de punição aos transgressores dos costumes.

A indústria cultural não sublima, mas reprime. Expondo repetidamente o objecto do desejo, o busto no suéter e o torso nu do herói desportivo, ela apenas excita o prazer preliminar não sublimado que o hábito da renúncia há muito mutilou e reduziu ao masoquismo. Não há nenhuma situação erótica que não junte à alusão e à excitação a indicação precisa de que jamais se deve chegar a esse ponto. O *Hays Office*¹ apenas confirma o ritual que a indústria cultural de qualquer modo já instaurou: o de Tântalo². As obras de arte são ascéticas e sem pudor, a indústria cultural é pornográfica e puritana. (ADORNO & HORKHEIMER, 2006, p. 131)

À parte da discussão sobre se foram válidas ou não as análises de Adorno e Horkheimer sobre a Indústria Cultural no contexto dos anos 1950, pode-se com facilidade verificar que aquela teoria pode não ser ainda válida para explicar a ideologia e os conceitos hegemônicos difundidos pela Indústria Cultural hoje. Ou seja, apesar de a Indústria Cultural continuar reproduzindo uma lógica de estímulo ao consumo, à

¹ Também chamado de *Hays Code*, um código de autocensura estabelecido pelos estúdios de cinema dos EUA em 1934 que vigorou até o final dos anos 1950. Sua finalidade era definir o que era “moralmente aceitável” para se exibir ao público.

² Personagem da mitologia grega sentenciada pelos deuses a viver em um paraíso de frutos e águas abundantes que fugiam ao seu alcance quando ele tentava pegá-los, ficando Tântalo assim condenado a passar fome e sede enquanto tinha tão próximos os objetos do seu desejo.

concorrência e à busca pelo sucesso, constata-se que desde meados de 1968 os meios de produção cultural vêm assimilando e disseminando juízos e concepções que não contribuem propriamente para a reprodução dos valores do capitalismo liberal-clássico e tampouco favorecem a chamada “moralidade burguesa”, indo, ao contrário, de encontro a esta.

Mostraremos que por trás desta mudança nas concepções propagadas pela Indústria Cultural há um fenômeno muito mais amplo de inversão de paradigmas culturais, retro-alimentado por ela mesma, e identificado com a chamada “Revolução Cultural Ocidental” desencadeada sobretudo a partir do movimento político-cultural de Maio de 1968. Apontaremos ainda que aquele movimento contracultural, segundo os autores consultados, não teria emanado da espontaneidade de um processo social independente, e tampouco teria sido decorrência natural de uma “crise” da sociedade burguesa.

Ele teria surgido, na verdade, como fruto de um artifício político revolucionário concebido por um escol de intelectuais materialistas históricos. Sua tática principal consistiria no ataque aos valores, costumes e princípios culturais identificados como “cultura burguesa”, assim como através da captura progressiva dos meios de produção de discurso, notadamente a Indústria Cultural e as instituições de ensino superior.³ Lembraremos, porém, que o referido movimento tem origens numa tradição filosófica marxista que remonta ao clássico *História e Consciência de Classe*, de Györg Lukács, passa por Gramsci, pela Escola de Frankfurt e por vários autores materialistas históricos que influenciaram as revoltas estudantis de 1968; muitos dos quais se inserem na tradição do chamado “Marxismo Ocidental” (Anderson, 1976).

Após a exposição deste arcabouço teórico que foi o sustentáculo e o combustível da nova *práxis*, apontaremos exemplos bastante emblemáticos de como aquele movimento intelectual impulsionou todo um esforço de engajamento político no campo da produção cultural, convertendo os criadores de bens culturais em “intelectuais orgânicos do proletariado” (Gramsci, 1985). Procuraremos mostrar, com estes exemplos, a amplitude de um movimento que inclui a música *Rock and Roll*, o cinema francês da *Nouvelle Vague* e também produções da indústria cinematográfica hollywoodiana, bem como uma série de peças de teatro e telenovelas brasileiras ousadas que começaram a ser produzidas entre as décadas de 1960 e 1970. Também será mencionada a atuação direta de agentes de subversão soviéticos infiltrados em “aparelhos de hegemonia” ocidentais, que contribuíram na escalada da revolução cultural, a partir da qual várias universidades e editoras, por exemplo, erigiram-se como *think tankers* do pensamento marxista. Assim, partindo dos conceitos revolucionários contraculturais de certos autores-chave vinculados àquela tradição filosófica,

³ Porém, novamente o afirmamos, não pretendemos aqui explicar todo o corpus teórico de cada um dos autores que contribuíram no desenvolvimento daquela *práxis* revolucionária, visto ser este um movimento político-intelectual de tal envergadura que seria impossível fazê-lo num trabalho de conclusão de curso como este.

mostraremos como a influência deles foi fundamental na subversão do *ethos* ocidental tradicional, e apresentaremos algumas pesquisas recentes que sugerem que eles têm tido sucesso na sua estratégia de transformação ideológica dos meios de produção de discurso.

1. Origens do Marxismo Ocidental

Durante a Primeira Guerra Mundial, quando os proletários europeus preferiram serem solidários a seus países de origem e lutar sob as bandeiras nacionais em vez de se unirem contra a burguesia – inimigo comum de todo o proletariado, segundo o marxismo – imensa foi a decepção da intelectualidade leninista, ao ver aquela “luta fratricida nos campos de batalha” (GARCIA In PAIM, 2000). Era incompreensível para eles que, em vez de lutarem em coerência com os seus próprios interesses, isto é, contra a burguesia exploradora, os trabalhadores preferissem defender os Estados nacionais burgueses sob os quais eram sistematicamente oprimidos.

No entanto, graças à Revolução Bolchevique, na Rússia o socialismo se desenvolvia. Mas tão somente na Rússia. O insucesso de outras revoluções que haviam sido tentadas na Europa instigava os dirigentes a se questionarem quanto ao porquê de o comunismo não avançar na parte ocidental do continente. Era preciso encontrar a causa desse “fracasso da revolução socialista fora da Rússia” (Amadeo, 2007). Diante do problema, haveria que se rever a estratégia elaborada para superar o capitalismo, definir novas linhas de ação, formular uma nova *práxis* que fosse capaz de penetrar as barreiras ocidentais. Começou, então, a acontecer uma “mudança básica em todo o centro de gravidade do marxismo europeu” (idem), que se voltou diligentemente para o planejamento, para a pesquisa sociológica e para a filosofia.

A década de 1920 daria, assim, início a uma tradição de pensadores materialistas dialéticos que influenciariam profundamente o curso dos movimentos intelectuais e políticos nas décadas seguintes em todo o Ocidente. Delineia-se, a partir de então, um processo cuja causa motivadora foi aquela inicial resistência da Europa ocidental ao ideário comunista, resultando num traslado da militância intelectual marxista dos partidos e sindicatos aos institutos de pesquisa e universidades. A ocasião, portanto, para o desenvolvimento de uma *práxis* mais bem elaborada veio paradoxalmente daquele fracasso primeiro, manifesto na recusa dos operários a pegarem em armas contra seus patrões e contra o Estado burguês.

Uma conseqüência adicional foi o deslocamento gradual dos lugares de produção do discurso marxista dos partidos socialistas e comunistas e dos sindicatos operários para as universidades e para os institutos de pesquisa. A mudança inaugurada com a Escola de Frankfurt no final dos anos 20 e princípio dos anos 30 se transformou em uma tendência dominante no período da Guerra Fria. (AMADEO, 2007)

O resultado deste processo é descrito abaixo por Perry Anderson, filósofo marxista norte-americano e autor da obra *Considerações sobre o Marxismo Ocidental*, que se tornou um clássico da chamada “Nova Esquerda”:

“Veremos que, sobretudo desde o princípio dos anos vinte em diante, o marxismo europeu se encontrou cada vez mais na Alemanha, na França e na Itália – três países em que, tanto antes como depois da II Guerra Mundial, a existência de um partido comunista que chamava a si a confiança dos principais sectores da classe operária se combinava com uma «intelligentsia» numerosa e radical.” (ANDERSON, 1976, p. 41-42)

1.1 György Lukács e a “Luta pela Consciência da Sociedade”

Uma das revoluções socialistas que não vingaram foi aquela liderada por Bella Kuhn em 1919 na Hungria, da qual György Lukács fez parte. Lukács é considerado o inaugurador da tradição marxista ocidental, para a qual contribuiu especialmente com a obra *História e Consciência de Classe*, de 1923. Retomando os conceitos de alienação e fetichismo de Marx, o filósofo húngaro concluiu que a “reificação” da ideologia capitalista e das instituições criadas pela burguesia, ou seja, a “cultura burguesa”, revestida de certa naturalidade e imutabilidade, era o grande mal, o grande empecilho que obstaculizava a irrupção do socialismo no Ocidente. A “reificação” impedia-o na medida em que cobria as instituições burguesas de uma força capaz de controlar e debilitar a consciência operária, o que se dava com as hierarquias sociais, a burocracia e a religião, por exemplo (cf. Amadeo, 2007).

Por causa do caráter alienante e castrador dos valores culturais e comportamentos que a burguesia incutia nas massas operárias, os trabalhadores estavam sendo impedidos de formar uma “consciência de classe” esclarecida que lhes possibilitasse trazer à tona um espírito de revolta contra a opressão burguesa. O foco da militância, portanto, deveria ser a consciência das massas operárias. Por ocasião de uma conferência proferida na inauguração do Instituto de Pesquisa do Materialismo Histórico de Budapeste, Lukács, crente de que o governo do proletariado finalmente se estabelecia na Hungria, declarou:

“O materialismo histórico serviu ao proletariado, na época de sua opressão, como um dos seus instrumentos mais poderosos de luta, e é natural que agora o leve consigo para uma época em que se prepara para reconstruir a sociedade e nela a cultura.” (LUKÁCS, 2003, p. 413)

Ao longo da obra, o materialista húngaro investe contra o que ele considera ser as bases ideológicas da dominação burguesa: A Lei Natural, a filosofia idealista, a religiosidade judaico-cristã, etc. É notável a preocupação que Lukács mostra, a partir de então, com a cultura e a formação de uma consciência social que derrube as barreiras psicológicas, os impedimentos morais que o capitalismo supostamente imprimiu nos operários:

“Paralelamente à luta científica, foi travada uma luta pela consciência da sociedade. A conscientização da sociedade equivale, porém, à possibilidade de conduzir a sociedade. O proletariado conquista a vitória em suas lutas de classe não apenas na esfera do poder, mas simultaneamente nessa luta pela consciência social...” (LUKÁCS, 2003, p. 421)

Como veremos no segundo capítulo deste trabalho, há certa relação entre um dos mais famosos produtos da Indústria Cultural brasileira, a teledramaturgia da Rede Globo de Televisão, e Lukács. Especificamente, quanto ao que foi produzido para o público desta emissora durante as décadas de 1970 e 1980. Um dos mais importantes autores das telenovelas da Rede Globo de Televisão neste período, Dias Gomes – que foi marido de outra dramaturga célebre, Janete Clair –, conta na sua autobiografia intitulada *Apenas um Subversivo*, como procurava fazer uma “arte engajada”, conforme suas crenças políticas e, para isto, pautava-se na orientação lukacsiana para levar adiante sua *práxis* cultural. Aprofundaremos nesta questão da teoria materialista incorporada à Indústria Cultural, porém, apenas no capítulo terceiro.

1.2 Antônio Gramsci e os “Aparelhos de Hegemonia”

Como é amplamente conhecido, o conceito de Antonio Gramsci – o marxista das “superestruturas” e da “revolução cultural” – mais aludido entre todos é o de “hegemonia” que, segundo Maria-Antonietta Macciocchi (1976) não é propriamente gramsciano, mas sim leninista. Ela revela que Gramsci considerava a noção de hegemonia a mais importante contribuição de Lênin ao marxismo. E que, nos seus *Cadernos do Cárcere*, Gramsci traduz habitualmente o conceito de “ditadura do proletariado” por “hegemonia do proletariado”. Esta observação ilustra bem o modo como o pensador italiano transfere a *práxis* socialista de uma perspectiva de revolução social violenta e abrupta para uma perspectiva de revolução pacífica e cadenciada, através da conquista da hegemonia cultural pelo partido comunista, representante da massa trabalhadora.

Para Gramsci, o partido revolucionário precisa agir sobre a consciência coletiva das massas, sobre a própria maneira de pensar dos indivíduos, precisa deslegitimar as crenças, subverter os costumes e as opiniões tradicionalmente predominantes na mentalidade popular, alterando o chamado “senso comum” desde as suas raízes mais profundas. A necessidade de se combater a cultura tradicional estaria no fato de que, por culpa dela, o modo de pensar, de reagir e de se comportar dos operários, isto é, o modo como eles vêem o mundo e se relacionam com ele estaria totalmente contaminado por uma herança ideológica maldita, inculcada neles por forças políticas contrárias aos seus próprios interesses, a fim de subjugar-los. Ou seja, para Gramsci o proletariado pensa

segundo uma lógica que o leva a ser obediente e submisso à burguesia, graças à atividade dos aparelhos culturais que reproduzem e legitimam a ideologia hegemônica, e também graças à influência dos chamados “intelectuais tradicionais” e dos “intelectuais orgânicos” a serviço da burguesia.

Os “aparelhos de hegemonia” gramscianos são todos os meios privados e estatais de produção de cultura, como a escola, a Igreja, a imprensa, o mercado editorial, etc. No diagnóstico de Gramsci, os operários só poderiam passar a agir e pensar segundo seus próprios interesses, livres do controle burguês, se o partido que os representa tomasse os aparelhos de hegemonia e os usasse para suscitar nos trabalhadores uma “consciência de classe” coerente com as suas aspirações, criando assim um “senso crítico” entre eles e também um “novo senso comum”. Mudar a percepção básica da realidade tal qual é apreendida pelas mentes proletárias e burguesas, a fim de tornar viável a implantação de uma nova ordem sócio-econômica: eis a tarefa dos “intelectuais orgânicos do proletariado”. Estes devem estar agrupados em torno do “intelectual coletivo” – o partido, também chamado por Gramsci de “Príncipe Moderno”, numa alusão ao *condottiere* de Maquiavel, ao qual o pensador renascentista dizia ser lícito justificar os meios mais abomináveis pelos fins políticos a serem assegurados, sendo-lhe legítimo desprezar quaisquer limites morais.

Gramsci classifica de “orgânicos” os intelectuais que, gerados organicamente por uma classe em expansão, manifestam uma corrente de idéias viva e ascendente historicamente. Assim, os intelectuais gerados pelo proletariado a fim de dar legitimidade ao seu discurso e defender os seus interesses, e também aqueles gerados pela burguesia – mormente no contexto da sua ascensão como classe hegemônica – seriam os ditos “orgânicos”. Já os intelectuais ditos “tradicionais” são como os representantes do clero ou os filósofos ligados às velhas escolas filosóficas tradicionais, uma vez que são advindos de “categorias intelectuais preexistentes” (GRAMSCI, 1995, p. 5), motivados por critérios e valores originários de outras épocas e muitas vezes desvinculados de uma ideologia de classe definida. Estes tutores “tradicionais”, por sua própria natureza, não teriam uma influência efetiva no devir histórico; eles exercem seus papéis sem afetar terminantemente o desencadeamento das mudanças que delineiam o futuro das sociedades, alterando-se apenas conforme as classes ascendentes passem a formar seus próprios intelectuais tradicionais, constituindo-os como guardiões de uma ordem social constituída e naturalizada.

A organicidade do intelectual se mediria pelo grau de conexão que mantém com a classe social à qual se relaciona; quanto mais ligado aos interesses de uma classe, mais orgânico. No entanto, afirma Gramsci que toda classe, ao mesmo tempo em que cria seus próprios intelectuais orgânicos, deseja também “assimilar” os intelectuais tradicionais, pois entre eles estão os advogados, tabeliães, médicos, literatos, juízes, professores e toda sorte de categorias profissionais oriundas de instituições pré-capitalistas. Macciocchi (1976) diz que Gramsci foi o pensador marxista que considerou de forma mais clarividente a importância da articulação dos intelectuais na estratégia revolucionária, uma vez que, sem a participação deles, seria impossível a formação de um “bloco histórico” operário.

Um bloco histórico forte dirigido pelo partido do proletariado seria, enquanto apropriação do aparato cultural – intelectual e moral – e do *establishment* político-econômico, a culminância da guerra cultural. Ou, em termos gramscianos: A conquista da superestrutura e, logo em seguida, da infra-estrutura são os cumes visados pelo partido na escalada da “guerra de posição” e na luta pela hegemonia. Os aparelhos de hegemonia e os intelectuais são como que o elo ideológico, o cimento que une infra-estrutura e superestrutura perante a coletividade, garantindo um consenso positivo das massas sobre o grupo dirigente. Sobre o caráter radicalmente revolucionário da guerra de posição, Macciocchi diz:

Na prisão, o pensamento de Gramsci progride: é então que, com base nas diferenças existentes entre a Rússia e o Ocidente, ele elabora sua estratégia de “passagem da guerra de movimento à guerra de posição”. O primeiro termo designa para Gramsci substancialmente o enfrentamento direto pela tomada do poder; e o segundo, o conflito de classe que amadurece sob a direção do partido revolucionário, quando a luta aberta não é possível, ou então para preservar suas condições. Mesmo nesse segundo caso, a ação desenvolvida visa à subversão da estrutura e do bloco histórico dominante. Não existe aí nenhum imobilismo, nenhuma pausa, nenhuma paz social, mas um novo tipo de guerra, com um caráter totalmente distinto do enfrentamento direto. (MACCIOCCI, 1976, p. 86)

A guerra de posição é, portanto, a tomada lenta e progressiva das “trincheiras” culturais e estruturais dos inimigos. Trata-se de uma ocupação dissimulada e voraz de postos estratégicos nas estruturas físicas de poder – que são os aparelhos econômicos e estatais que mantêm o *status quo* – e, sobretudo, na “superestrutura” – que são os instrumentos que elaboram o conjunto de valores consensuais e paradigmas culturais que dão forma àquela estrutura material. Disto conclui-se que as diferenças entre o gramscismo e o marxismo-leninismo não se limitam ao fato de que o primeiro inverteu

a ordem tática propugnada pelo segundo quanto ao momento propício pra se coadunar o apoio das massas, mas também diferiu quanto ao tipo de guerra que deveria ser empreendida para auferir o controle das estruturas. Assim, enquanto Lênin propunha que primeiro uma vanguarda armada tomasse o poder pela força, para só depois convencer as massas quanto à “nobreza” de sua causa, Gramsci intenta persuadir as massas de antemão e prepará-las para abandonar seus antigos valores e aceitar consensualmente um novo estado de coisas, que já estará irremediavelmente instaurado quando se derem conta disso, graças aos avanços antecipados na guerra de posição. É tão inegável a sutileza e a sofisticação da tática gramsciana quanto a sua sinistra pretensão de subverter as mentalidades e deslegitimar boa parte do patrimônio cultural da civilização ocidental em nome de uma sociedade *soi-disant* perfeitamente justa e homogênea.

1.2.1 A receptividade brasileira do gramscismo

No Brasil, segundo Marco Aurélio Nogueira (1993), a partir de 1975-1976 as teorias de Gramsci saíram das fronteiras universitárias para se tornarem a práxis oficial não só dos comunistas, mas de vários grupos de militantes autoproclamados “progressistas”: “Naquele momento foi como se explodisse a especulação contida na universidade. O gramscismo veio à luz do dia com a força de um vulcão. Todos, de uma ou outra forma, tornaram-se “gramscianos”.” (NOGUEIRA, 1993, p. 130)

Inicialmente, porém, diz ele que o pensamento de Gramsci foi reduzido, nos discursos políticos de toda sorte, a citações deslocadas dos conceitos principais do filósofo. Os conceitos que o italiano havia utilizado para categorizar os elementos estratégicos que identificava na supra e na infra-estrutura do sistema eram, então, usados para quaisquer trivialidades, desvinculando-os da sua dimensão doutrinária e revolucionária. Para Nogueira (1993), a opção de grande parte dos grupos de esquerda, naqueles anos de combate intenso ao regime militar, pela luta armada, através dos grupos guerrilheiros que se formaram então, além de dispersar as forças da revolução em tantas facções espalhadas, acabou retardando a aceitação das novas formas de marxismo que já se difundiam pelo mundo. A insistência no marxismo-leninismo teria deixado pouco espaço, inicialmente, para a recepção de Gramsci entre as esquerdas brasileiras. Sobretudo porque o italiano defendia a conquista pacífica e gradual das

posições de influência na sociedade civil e conclamava para uma batalha que se limita ao campo cultural e das idéias políticas.

Mas foi precisamente após o Golpe de 1964, segundo Carlos Nelson Coutinho (1993), que a teoria de Gramsci começou a se difundir – apesar da resistência do guerrilhismo –, na medida em que apresentou uma opção aos grupos de esquerda que se viram coibidos pelo regime de exceção e não acreditavam que a luta armada pudesse ser bem sucedida. O exílio de dirigentes do Partido Comunista Brasileiro para a Europa ainda possibilitou que algumas importantes lideranças nacionais travassem contato com as novas estratégias revolucionárias e atualizasse a sua linha de ação política, influenciados por um universo mais diversificado de idéias socialistas, onde havia intelectuais elaborando proposições de “vias alternativas” o tempo todo.

Aos poucos as novas influências do marxismo italiano foram facilitando que as esquerdas brasileiras abandonassem o caminho leninista, da revolução violenta, sem deixar de preservar o núcleo mais potencialmente subversivo do pensamento de Marx. Uma mudança que teria sido muito acertada, na visão de Coutinho (1993), como um ajuste à forma mais bem sucedida de combate contra a ditadura, que foi avançando à medida que “gradativamente deslocou as bases de sustentação do regime, isolou-o da sociedade e bloqueou sua reprodução.” (NOGUEIRA, 1993, p. 138)

Paradoxalmente, também é durante o Regime Militar, sobretudo entre os anos de 1966 e 1968, que Nogueira (1993) nos diz ter havido uma explosão de publicações de obras marxistas. O caráter heterodoxo do marxismo de vários autores publicados no Brasil nessa época teria prevalecido sobre as leituras mais ortodoxas de Marx. Quiçá, tal característica “alternativa” dessas obras, que eram pouco conhecidas no Brasil antes de serem traduzidas, tenha ajudado a manter tais edições livres da censura militar. Entre os autores publicados nessa época que também condenaram as bases culturais do ocidente como empecilho à Revolução, Nogueira (idem) cita Lukács, Althusser e Marcuse.

Em meados de 1980 teria havido um arrefecimento, entre os comunistas brasileiros, da empolgação com as teorias e o método de luta propostos por Gramsci. Um retorno do “burocratismo tradicional e autoritário” ao quadro ideológico predominante dentro do PCB teria sido a causa. Tal “retrocesso” fatalmente ocasionou um afastamento de grupos mais intelectualizados que, antes do abandono de um

caminho efetivamente viável para as transformações sociais delineadas, simpatizaram com as aspirações do partido.

Em 1990, Tarso Genro, então vice-prefeito de Porto Alegre, advogava pela necessidade de o seu partido, o Partido dos Trabalhadores, tomar um novo rumo de ação política no sentido de

aprofundar uma revolução teórica no interior do marxismo, forjando condições culturais filosóficas e políticas para encarar o processo revolucionário no Brasil a partir de novas categorias, como aquelas indicadas pela experiência gramsciana. (GENRO, 1990)

Genro, que se tornou depois Ministro das Relações Institucionais e Ministro da Justiça na gestão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, exortou na época por uma renovada orientação estratégica em seu partido, tendo em vista

a possibilidade do PT tornar-se um partido socialista de massas com uma hegemonia interna de sentido marxista, unificando politicamente a social-democracia de esquerda, os socialistas e os comunistas avessos à tradição da III Internacional, tornando-se portanto um partido capaz de saber combinar a luta por reformas com a luta pela hegemonia no sentido das transformações socialistas. (idem, idem)

1.2.2 O jornalismo na concepção gramsciana

Nos *Cadernos do Cárcere*, Gramsci faz uma exortação aos jornalistas militantes, afirmando ser um “dever da atividade jornalística (em todas as suas manifestações) seguir e controlar todos os movimentos e centros intelectuais que existem e se formam num país” (GRAMSCI, 1995, p. 164). Assim, para a elaboração do que chama de “Jornalismo Integral”, o comunicador deveria não apenas procurar satisfazer as necessidades informativas de seu público, mas também “criar e desenvolver estas necessidades e, conseqüentemente, em certo sentido, criar seu público e ampliar progressivamente sua área.” (idem, p. 162) Nisto consistiria, então, a “guerra de posição” e a “luta pela hegemonia” aplicadas aos aparelhos de imprensa. Quanto ao público-alvo dessa *práxis*, os leitores de jornais⁴, Gramsci determinou que eles fossem apreciados da seguinte maneira:

Os leitores devem ser considerados a partir de dois pontos de vista principais: 1) como elementos ideológicos, "transformáveis" filosoficamente, capazes, dúcteis, maleáveis à transformação; 2) como elementos "econômicos",

⁴ Não fazia muito tempo que Marconi tinha inventado o rádio (1896) e a difusão deste meio de comunicação apenas principiava quando Gramsci começou a escrever os *Cadernos* em 1929.

capazes de adquirir as publicações e de fazê-las adquirir por outros. (GRAMSCI, 1995, p. 163)

No que tange à teoria do conhecimento em Gramsci, pode-se afirmar que nela o historicismo marxista atinge seu grau máximo. Carvalho (1994) vê na gnosiologia de Gramsci uma depreciação desalentadora da razão humana, uma descrença na possibilidade de se alcançar qualquer verdade objetiva. Tal negação se fundamentaria num “ceticismo teórico”, segundo Carvalho (idem), e acabaria por submeter toda a ciência a um apelo de ação prática:

Gramsci não é um marxista puro-sangue. Através de seu mestre Antonio Labriola, ele recebeu uma poderosa influência do pragmatismo, escola para a qual o conceito tradicional da verdade como uma correspondência entre o conteúdo do pensamento e um estado de coisas deve ser abandonado em proveito de uma noção utilitária e meramente operacional. (...) na nova cosmovisão, toda atividade intelectual não deveria buscar mais o conhecimento objetivo, mas sim a mera "adequação" das idéias a um determinado estado da luta social. A isto Gramsci denominava "historicismo absoluto". (CARVALHO, 1994, p. 54-55)

A explanação elogiosa de Giovanni Semeraro sobre a “teoria do conhecimento em Gramsci” confirma o caráter relativista e utilitarista da sua gnosiologia:

com tanta carga de subjetividade e de intencionalidade política, como seria possível chegar a um conhecimento “objetivamente” estabelecido? Como conseguir alguma certeza? A Gramsci não escapa esta questão; ele observa que nenhuma ciência pode afirmar verdades definitivas, que não se pode pedir à ciência a prova da objetividade do real, uma vez que tal “objetividade” é sempre uma concepção de mundo, uma filosofia, e não pode ser um dado científico. (...) Porque todas as afirmações “objetivas” da ciência são sempre históricas, construídas, vinculadas aos objetivos predominantes de uma sociedade e, portanto, superáveis. (...) Esta, na realidade, é a visão da filosofia da práxis, que não separa o homem da natureza, a atividade da matéria, o sujeito do objeto. Diversamente de Weber e Durkheim, que separam a ciência da política, os fatos dos valores, Gramsci defende uma relação dialética entre eles. (...) Mais do que isso, para serem efetivas, as conquistas das classes subjugadas não podem se restringir às reivindicações econômicas, à produção e ao consumo material, mas devem inaugurar uma nova maneira de pensar, devem instaurar valores (...) Daqui se entende por que o sentido de “hegemonia”, em Gramsci, além de prático-político, “representa um grande progresso filosófico e não puramente psicológico e moral”, pois visa à criação de novas dimensões gnosiológicas e científicas, “cria um novo terreno ideológico, determina uma reforma das consciências, dos métodos de conhecimento, é um fato de conhecimento, um fato filosófico” (SEMERARO, 2000).

1.3 Frankfurt, Marcuse e a “Tirania da Razão Repressiva”

Antes de considerarmos propriamente qual foi a contribuição marcusiana na revolução cultural anti-burguesa, convém fazermos mais algumas considerações a respeito do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt criado em 1923, graças aos esforços de Félix Weil. No seu *Marxismo e Descendência*, Antônio Paim (2009) revela que, além de terem armado um esquema de difusão de suas teorias semelhante àquele que fora inaugurado na U.R.S.S., parte dos recursos que mantinham a Escola de Frankfurt provinham indiretamente dos soviéticos, que tinham negócios com patrocinadores do Instituto⁵. Paim (idem) lembra, ainda, que “os soviéticos nunca atacaram a Escola com a virulência de praxe” (PAIM, 2009, p. 558), apesar da heterodoxia do marxismo que difundiam. Claro está que, apesar de não seguirem a linha leninista, os frankfurtianos tinham um papel importante no combate ao capitalismo ocidental, o que certamente já favorecia os interesses soviéticos. Além disso, o próprio Weil teria declarado que criou o Instituto “na esperança de poder um dia entregá-lo a um Estado Soviético alemão triunfante.” (idem, idem).

Félix Weil preparou cuidadosamente a organização do Instituto. Entre os passos dados naquele sentido, ocupa um lugar especial a chamada “semana de trabalho marxista”, realizada em 1923 nas proximidades de Weimar, então capital da República. Estavam presentes pouco mais de vinte intelectuais, todos ligados ao Partido Comunista (entre estes Lukács e o casal Wittfogel que, na época, ainda não havia rompido com os soviéticos). Supõe-se que estaria em busca de pessoas que pudesse recrutar. Paralelamente, lidava com as autoridades com vistas a inseri-la numa instituição universitária. O nome de “Instituto de Pesquisa” tinha por objetivo assegurar-lhe autonomia administrativa e mesmo acadêmica. (PAIM, 2009, p. 560)

A vitória do Nacional-Socialismo hitlerista na Alemanha em 1933 levou os intelectuais marxistas de Frankfurt ao exílio, mas não os impediu de continuarem seus trabalhos. Ao contrário, facilitou-lhes a difusão de suas idéias em território capitalista, levando-os ao coração do mundo aburguesado. Em 1934, Max Horkheimer que havia conseguido a transferência do Instituto de Pesquisa Social para os EUA, depois de estar refugiado também em Genebra, foi integrado na Universidade de Columbia e seguido pouco depois pelos demais colegas frankfurtianos, inclusive Herbert Marcuse, que mais adiante passou a dar aulas na Universidade da Califórnia, em San Diego, época em que se tornou mais conhecido no Brasil e em todo o mundo.

⁵ No entanto, é conhecido que a maior parte dos recursos que os sustentavam vinham do próprio pai de Félix Weil, o rico comerciante de cereais Hermann Weil, “explorador do trigo e da mão-de-obra barata da Argentina”, segundo Heitor de Paola (2008).

Ainda antes de trazermos à baila a contribuição de Marcuse para a Revolução Cultural iniciada nas insurreições de 1968, convém lembrar algo sobre o historicismo materialista dialético, linha de pensamento à qual toda a Escola de Frankfurt esteve vinculada, não sendo Marcuse uma exceção. Como destaca Robert Cooley Angel na obra *Free Society and Moral Crisis*, o historicismo marxiano leva a crer que todos os princípios e valores morais que a humanidade elaborou até hoje são relativos ao momento histórico e ao contexto cultural em que foram produzidos. E até mesmo aqueles valores morais tidos consensualmente como os mais elevados – como aqueles que constam na Declaração Universal dos Direitos Humanos, por exemplo – seriam válidos apenas circunstancialmente; pois são “produtos do seu contexto histórico” e, portanto, não devem ser considerados universalmente bons em si para todas as épocas e todas as pessoas. Um princípio moral básico como “proteger a inocência das crianças”, por exemplo, mesmo que tenha sido considerado legítimo por séculos, só seria válido circunstancialmente e relativamente, nunca absolutamente, pois nenhum valor estaria acima do processo histórico e suas vicissitudes.

A verdadeira pedra angular da estrutura – que uma sociedade tem um conjunto de valores comuns que são influentes na formação do seu modo de vida – não é uma proposição absolutamente demonstrável. Um grande número de intelectuais que tem estudado as histórias de todos os tipos de sociedades acredita que isto é verdade, mas pelo menos uma escola de pensamento – a marxista – nega esta proposição. Para o materialismo dialético, um conjunto de valores comuns é meramente a resultante de um processo gerado pelas relações de produção, e não tem nenhuma significância causal independente.⁶ (ANGEL, 1965, p. 221)

Nesta linha de raciocínio é que o clássico marcusiano *Eros e Civilização*, lançado em 1955, apregoa que o imperativo repressivo da sexualidade no Ocidente, enquanto princípio comportamental socialmente estabelecido e enquanto valor moral, foi necessário ao desenvolvimento de um processo civilizatório baseado na “dominação do homem pelo homem” (MARCUSE, 1968, p. 110). E esta razão comportamental teria nisto mesmo – neste arranjo sócio-econômico – a sua razão mais profunda de ser. Atacando uma moral sexual de origens muito anteriores ao surgimento do capitalismo,

⁶ Tradução livre para: The very cornerstone of the structure – that a society has a set of common values that are influential in shaping its way of life – is not an easily demonstrable proposition. A great many learned men who have studied the histories of all kinds of societies believe it to be true, but at least one school of thought – the Marxist – denies it. To the dialectical materialist a set of common values is merely a resultant of process generated by the relations of production, and has no independent causal significance.

baseada na castidade e no casamento monogâmico, assim como em “pureza, regularidade, asseio e reprodução” (MARCUSE, 1968, p. 178), Marcuse procura vinculá-la à exploração e às desigualdades próprias do sistema capitalista, lançando mão, para isso, de uma junção conceitual entre a psicanálise freudiana e o marxismo.

De acordo com José Guilherme Merquior (1969), podemos dizer que Marcuse endossa a idéia de Freud de que o preço da civilização tem sido uma constante contenção simultânea da libido (Eros; a paixão libidinal) e do impulso de auto-supressão (Thanatos; a morte, o instinto de destruição), que também constitui parte da psique humana. Era preciso, segundo a tese marcusiana, romper com essa limitação do prazer e dar mais liberdade a Eros para deixar emergir uma nova civilização do amor livre. Nessa nova civilização, isenta de restrições à sexualidade, liberar-se-ia inclusive certas “perversões sexuais” que a sociedade burguesa rejeita (MARCUSE, 1968, p. 178) e promover-se-ia uma larga ruptura com os sacrifícios civilizatórios.

Marcuse defende que a lógica repressiva da civilização, má em si porque inibidora da satisfação dos instintos, seria um elemento próprio das sociedades capitalistas, que estão orientadas mais para o progresso tecnológico e a “produtividade” do que para uma “felicidade” libertadora e prazerosa. Então, segundo a interpretação que Merquior faz de Marcuse, vemos que o frankfurtiano sustentava que “a sociedade industrial avançada se afasta do horizonte da harmonia entre o princípio do prazer e o princípio da realidade.” (MERQUIOR, 1969, p. 153). Como consequência disto, “a revolta contra a cultura e o seu fundamento, o princípio da realidade, se transforma em luta pela felicidade” (idem, p. 150) e o discurso revolucionário adquire um novo apelo, um apelo mais romantizado, que interpela a uma faixa mais ampla de indivíduos do que o apelo marxiano original, focado apenas na justiça social e que interpelava diretamente ao proletariado. O apelo de Marcuse, no entanto, conclama à revolução todos aqueles que se sentem reprimidos sexualmente e gostariam de viver numa sociedade baseada na busca do prazer e da felicidade sem limites.

A dita “Razão repressiva”, apesar de ter origens muito anteriores às sociedades burguesas, estando já presente nos primórdios da doutrina judaico-cristã e da filosofia idealista, seria um fator indispensável à manutenção da ordem sócio-econômica capitalista por predispor os indivíduos a colaborarem com a lógica do sistema, alienando-os. De quebra, tal repressão também provocaria, segundo Marcuse, a

agressividade e o espírito de beligerância que levam às guerras empreendidas pelo capitalismo imperialista a fim de se impor sobre as outras nações. Em *Eros e Civilização*, a concepção marxista da história é facilmente identificada, por exemplo, na descrição marcusiana da origem da instituição familiar:

Num dado momento da vida do gênero homem, a vida grupal foi organizada por dominação. E o homem que conseguiu dominar os outros era o pai, quer dizer, o homem que possuía as mulheres desejadas e que, com elas, gerara e conservara vivos os filhos e filhas. O pai monopolizou para si próprio a mulher (o prazer supremo) e subjugou os outros membros da horda ao seu poder. Conseguiu estabelecer o seu domínio porque lograra excluir os outros membros do prazer supremo? Em todo caso, para o grupo como um todo, a monopolização do prazer significou uma distribuição desigual de sofrimento (MARCUSE, 1968, p.70)

Fica patente que o filósofo frankfurtiano defendia a tese de que a extinção do capitalismo equivaleria ao fim das angústias e privações das quais a “Razão repressiva” seria a causa:

Ao passo que as revoluções anteriores acarretaram um desenvolvimento mais amplo e mais racional das forças produtivas, nas sociedades superdesenvolvidas de hoje, porém, revolução significaria a inversão dessa tendência: eliminação do superdesenvolvimento e de sua racionalidade repressiva. [...] Sendo interrompida a produção de bens supérfluos e destrutivos (um estágio que significa o fim do capitalismo, em todas as suas formas) — as mutilações somáticas e mentais infligidas ao homem por essa produção seriam eliminadas. (idem, p. 18)

Na obra que se tornou um combustível para os ânimos daqueles que bradaram contra os velhos costumes, pela revolução cultural e pela liberação sexual, Herbert Marcuse, no prefácio político de 1966, deixou evidente qual era o principal público-alvo do seu apelo revolucionário:

A recusa do intelectual pode encontrar apoio noutro catalisador, a recusa instintiva entre os jovens em protesto. É a vida deles que está em jogo e, se não a deles, pelo menos a saúde mental e capacidade de funcionamento deles como seres humanos livres de mutilações. O protesto dos jovens continuará porque é uma necessidade biológica. "Por natureza", a juventude está na primeira linha dos que vivem e lutam por Eros contra a Morte e contra uma civilização que se esforça por encurtar o "atalho para a morte", embora controlando os meios capazes de alongar esse percurso. Mas, na sociedade administrativa, a necessidade biológica não redundando imediatamente em ação; a organização exige contra-organização. Hoje, a luta pela vida, a luta por Eros, é a luta política. (ibidem, p. 23)

O frankfurtiano foi precedido em sua proposta de relacionar a estrutura social e a repressão dos instintos, por Wilhelm Reich (1897-1957), psicanalista freudiano que, segundo o próprio Marcuse, defendia que a liberação sexual per se era como que uma “panacéia para todas as enfermidades individuais e sociais” (MARCUSE, 1968, p. 206). O frankfurtiano, no entanto, discordou de Reich em vários pontos, apesar de este também apregoar que a repressão sexual favorecia interesses de dominação e exploração econômica. Havia discordância, por exemplo, quanto ao caminho para a plena libertação do gênero humano que, para Marcuse, passava pela liberação sexual, mas não se reduzia a ela, ao contrário do que Reich dava a entender. Como veremos no segundo capítulo, Reich também teve forte influência na produção cultural brasileira, especificamente no Teatro Oficina de José Celso Martinez Corrêa.

Segundo Heitor de Paola (2008), não foi por acaso que a psicanálise freudiana foi incorporada à “teoria crítica da sociedade” de Frankfurt:

Sucede que Horkheimer era muito interessado em Freud, e a chave para que ele pudesse traduzir o marxismo de termos econômicos para termos culturais era essencialmente a sua combinação com a psicanálise. Como foi julgado que a única psicologia que poderia ser útil à “teoria crítica da sociedade” era a de Freud, foi designado Eric Fromm para realizar a “apropriação” e, mais tarde, Marcuse. [...] Como não poderia deixar de ser havia pouquíssimo interesse nos aspectos clínicos da psicanálise, ficando o Instituto centrado no uso da psicanálise como instrumento de análise e crítica da sociedade burguesa e capitalista e da sua transformação. (PAOLA, 2008, p. 100)

Paola (2008) também lembra que o livro *Eros e Civilização* tornou-se a “bíblia” do *Students for a Democratic Society*, um dos mais politizados movimentos de contracultura norte-americanos, que agrupava muitos estudantes rebeldes nos anos 1960. E também que Marcuse foi o responsável pelo lema *hippie* “Faça Amor (leia-se “sexo”), Não Faça Guerra!” (idem, idem); o que faz muito sentido, uma vez que na equação marcusiana o prazer auferido pela fruição sexual é inversamente proporcional à agressividade que levava às nações capitalistas à guerra. A mais polemizada guerra em andamento naqueles anos, a do Vietnã, era vista por grande parte dos jovens, no mundo inteiro e graças a Marcuse, como um mero fruto da repressão sexual que havia nos EUA. Isto, a despeito de toda a complexidade do jogo geopolítico da Guerra Fria, da crescente expansão da área de influência da URSS, e da resistência norte-americana à “sovietização” do mundo capitalista, que estava por trás do conflito no Vietnã.

2. O Maio de 1968 e a propulsão ideológica da Revolução Cultural

Eis que no final da década de 1960 estoura no mundo ocidental uma insurreição juvenil contra a cultura e os valores tradicionais. Começando por um bairro estudantil da Universidade de Paris, o Quartier Latin, e contagiando rapidamente quase todos os redutos potencialmente revolucionários das sociedades capitalistas, isto é, universidades e grupos intelectuais, artísticos, políticos e agremiações juvenis em geral, a revolta difundiu-se como se já houvesse um prévio impulso ideológico anti-sistêmico latente esperando um estímulo mais forte para se irromper.

Grupos da chamada nova esquerda sonhavam com a construção de uma sociedade alternativa, de um homem novo, nos termos de Che Guevara, recuperando o jovem Marx. Enfim, os sentimentos e as práticas de rebeldia contra a ordem e de revolução por uma nova ordem fundiam-se criativamente. (RIDENTI, 2005, p. 136)

Entre os jovens, circulava então a idéia de que uma nova sociedade de liberdades e prazeres irrestritos só seria possível se antes se conseguisse derrubar as convenções sociais sobre as quais estavam construídas as vidas de seus pais. Para além da crítica à “sociedade de consumo”, declarou-se então uma guerra contra diversas crenças e costumes que haviam plasmado a Civilização Ocidental ao longo de mais de quinze séculos, valores que se firmaram com a Filosofia Patrística – conciliadora do pensamento filosófico grego clássico com a teologia cristã, e genitora intelectual desta civilização – e que haviam resistido a inúmeras transformações sociais, econômicas e políticas que vieram antes. O Ocidente ainda não havia conhecido uma revolução cultural tão intensa e subversora quanto esta que o Marxismo Ocidental engendrou na teoria e o Maio de 1968 deu início na prática.

Eric Hobsbawn (2003), historiador marxista britânico, alega que os movimentos estudantis da França de 1968 foram “espontâneos” e independentes dos partidos, mas, por outro lado, ele mesmo afirma que “a maior parte” dos líderes estudantis rebeldes havia saído justamente das fileiras do Partido Comunista (cf. HOBBSAWN, 2003, p. 239), e não nega a raiz materialista dialética das várias linhas ideológicas então existentes no Quartier Latin. Podemos dizer, então, que as fontes teóricas das quais aqueles universitário beberam eram marxistas, e que o materialismo dialético era a raiz comum daquelas diversas expressões de socialismos/anarquismos libertários. Ainda que os partidos e intelectuais da vanguarda marxista não tivessem controle sobre as

manifestações dos jovens rebeldes, não se pode negar que aqueles fossem seus discípulos.

No Brasil, ao contrário do que se possa imaginar, o regime militar que tomou o poder a partir do Golpe de 1964 teria contribuído involuntariamente para o sucesso da revolução cultural, conforme reprimia a esquerda guerrilheira que lutava por uma revolução estrutural (cf. COUTINHO, 1993). O caráter conservador do governo de Charles De Gaulle na França também teria ajudado a ascensão da contracultura neste sentido, e a conseqüente erupção do Maio de 1968 naquele país, emergindo como efeito colateral do conservadorismo governamental que colocava obstáculos a uma revolução estrutural. No Brasil, a incapacidade dos censores do governo militar de reconhecerem certas formas mais sutis de discurso revolucionário, bem como a coibição das propostas de revolução estrutural sócio-econômica, levaram a esquerda não-guerrilheira a considerar a via gramsciana e a promover os teóricos da crítica cultural nas universidades.

"Na verdade, o que se discutia então era qual a estratégia adequada para terminar com o capitalismo no Brasil." (LUÍS TRAVASSOS) [...] Discutia-se um modelo de revolução, e como se chegar a ela. Pelo menos duas concepções se chocavam. Uma entendia a revolução como ruptura violenta, isto é, como uma explosão desencadeada por uma vanguarda que, ao ser logo substituída pela classe operária, criaria uma sociedade nova e um homem novo. Defendiam essa concepção as organizações que já se preparavam para a luta armada e os setores estudantis e culturais a elas ligados. A outra posição, defendida pelo PCB, via a revolução não como um objetivo imediato, e sim como um lento processo, que poderia até culminar com uma ruptura, desde que fosse o resultado da gradual organização civil e da acumulação de forças. (VENTURA, 2008a, p. 60-61)

A revolução cultural daí decorrente pode então ser considerada fruto de uma militância intelectual que, não se preocupando muito com a mobilização popular, desenvolveu-se intensamente no nível acadêmico. Amadeo (2007) afirma que “Entre meados da década de vinte e os levantamentos de 1968, o marxismo ocidental se desenvolveu de maneira vigorosa, mas longe de toda prática política de massas.” Ou seja, a *práxis* revolucionária agora tinha seu foco na cultura, na produção intelectual, na conquista da hegemonia ideológica. E a partir de meados de 1968, como veremos no terceiro capítulo, esta nova *práxis* adentraria a Indústria Cultural e passaria a criar novos produtos culturais que trariam o rótulo de “críticos”, de “engajados”, de “alternativos” ou mesmo de “alta cultura”. Estes produtos promoveriam, junto com o discurso anti-

sistêmico, a adoção de costumes na época considerados pela sociedade como “imorais”, a fim de contrariar a “moralidade burguesa”:

Além da nova música e do parentesco com manifestações em todas as artes, a contracultura caracterizava-se por pregar a liberdade sexual e o uso de drogas – como a maconha e o LSD, cujo uso era considerado uma forma de protesto contra o sistema. (RIDENTI, 2005, p. 141)

O que se pretende neste segundo capítulo, evidentemente, não é a mera crítica aos comportamentos e às idéias que nortearam aquela geração de 1968 e seus mentores. O intento aqui fixado é apresentar a conexão que há entre: as teorias revolucionárias distinguidas no capítulo um, a ruptura com as “convenções burguesas” desencadeada pela revolução cultural sobretudo a partir de 1968, e a composição ideológica subversora que muitos produtos da Indústria Cultural passam a ter a partir daí, conforme é apontado no capítulo três. Conforme as percepções dos autores explorados a seguir, a cultura de massas e as convenções sociais foram profundamente influenciadas pelos movimentos rebeldes que naquele ano se sublevaram contra a ordem e os valores então instituídos, de maneira que, para o historiador Marcelo Ridenti, “as bases em que se apóiam as sociedades do presente teriam um forte laço de continuidade com aquele ano de ruptura com o passado” (RIDENTI, 2005, p. 135)

No primeiro livro que Zuenir Ventura (2008a) dedicou àquele ano de efervescência revolucionária, *1968: O ano que não terminou*, o jornalista reserva um capítulo inteiro aos teóricos e idéias contraculturais que vigoravam nos espaços onde havia um esforço de engajamento político. A entusiástica participação na discussão do futuro da pátria era feita em nome das mudanças propostas por tantos ideólogos franceses, alemães, anglo-saxões, mas também por intelectuais brasileiros como Caio Prado Júnior.

Carlos Nélon Coutinho acha que o período de 64 a 68 foi um dos mais férteis na divulgação dos autores marxistas: Lukács, Goldman, Adam Schaff, Althusser e, evidentemente, Marcuse. [...] Para os estudantes esquerdistas, havia um livro, lançado dois anos antes, que numa leitura enviesada funcionava como uma bíblia: *A revolução brasileira*, de Caio Prado Júnior, que criticava a posição oficial do PCB, que dava o Brasil ainda como um país com resquícios feudais. Como muito bem diz Carlos Nélon, Caio Prado não propunha o socialismo já para o Brasil, “mas foi lido como dando o país pronto para o socialismo”. (p. 56)

Ventura lembra também que não só de Marxismo vivia a revolução cultural, mas também de outras escolas de pensamento ascendentes na época, como o Estruturalismo

e o Existencialismo. Estas têm em comum com Marx a visão de mundo materialista, a rejeição da “filosofia da essência”, de raiz metafísica, em nome de uma “filosofia da existência”, baseada na recusa de toda a filosofia que pretendesse perscrutar a realidade para além das aparências imediatamente perceptíveis ao homem, desprezando assim toda a investigação da natureza imaterial do ser, e rejeitando os conceitos de “alma”, de “Verdades eternas”, de “pecado” e de “Deus”.⁷ Eis a descrição de Ventura (2008a) de como uma miscelânea de materialismos confluía para a satisfação do ideário subversivo então em voga:

Cesinha⁸ se lembra de que nos seus 13 para 14 anos lia *O Capital* e organizava seminários no Colégio de Aplicação, "com o natural primarismo que pode haver num estudo de Marx feito por garotos de 14, 15, 18 anos". Mesmo assim, ele, que dava aula de mais-valia e não chegou a terminar o ginásio, tem certeza de que esses estudos foram fundamentais para a construção de sua base cultural. "Nós nos tornamos marxistas lendo Marx." Embora a onda estruturalista só viesse mais tarde, já havia em certos círculos uma sensível atração pelas questões de antropologia e de lingüística, levantadas sobretudo por Lévi-Strauss, Saussure e Jakobson. José Américo Pessanha era um que, ao lado de suas predileções particulares por Gaston Bachelard e Chaim Perelman - um teórico da argumentação que até hoje ele tenta vender no nosso mercado de idéias -, participava daqueles grupos de interesse. "Combinava-se isso com o interesse pelo marxismo de Althusser e de Marcuse." A essa mistura, ele ainda acrescentaria "um resquício de existencialismo", importado via Sartre e Simone. Mas, como de uma maneira ou de outra eles se ligavam ao marxismo, José Américo não achava estranho. "A idéia de é proibido proibir, essa noção libertária, era uma leitura sartreana do marxismo, um resíduo do existencialismo que estava sendo gasto naquele momento." (p. 56-57)

Gramsci, no entanto, não teve uma ruidosa aceitação imediata assim que suas idéias chegaram ao Brasil. Em grande parte, isso se deveu ao fato de que os ímpetus da esquerda de 1968 tinham um apelo demasiado radical para darem ouvidos a um teórico que parecia mais reformista do que revolucionário, que “propunha uma paciente luta pela hegemonia e pelo consenso, com a conquista ideológica dos setores majoritários da população, antes da tomada do aparelho de Estado” (VENTURA, 2008a, p. 58); o que, no começo, não parecia nada atraente para uma esquerda que se inspirava nas guerrilhas, que preferia ler Guevara e Mao, e que estava ávida para derrubar do poder os militares apoiados pela burguesia e pelo “imperialismo ianque”.

⁷ Conceitos estes que haviam acompanhado a Civilização Ocidental desde antes da queda do Império Romano e que, segundo o historiador norte-americano Thomas E. Woods Jr., foram responsáveis pelo desenvolvimento das instituições e da tecnologia ocidental, na segunda metade da Idade Média e ao longo da Idade Moderna, acima do que conseguiram outras civilizações no mesmo período.

⁸ O autor se refere a César Queirós Benjamin, que foi membro do grupo guerrilheiro MR-8 e participou de assaltos a bancos e do seqüestro de um embaixador, tendo começado sua militância revolucionária enquanto estudante do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Só mais tarde, depois de estourar na França, foi que Gramsci passou a entrar nas universidades brasileiras, em meados dos anos 70. A proposta gramsciana de guerra de posições só começa a existir como alternativa, segundo Konder, "quando se desfazem as ilusões da luta armada". [...] Havia alguém mais fascinante na praça, um pensador sintonizado com os ares do tempo. Um alemão de 70 anos, exilado nos Estados Unidos, ia ser o guru da geração de 68 em quase todo o mundo: Herbert Marcuse. Marcuse, um dos chamados "3 M de 68" - os outros eram Marx e Mao -, invadiu a imaginação dos jovens brasileiros através da imprensa mesmo antes de desembarcar nas livrarias. Ele chegou por meio de dois livros, *Eros e Civilização* e *Ideologia da sociedade industrial*, que permaneceram nas listas de best sellers durante meses. O terceiro a chegar, já em outubro, *Materialismo histórico e existência*, esgotou 1500 exemplares em poucos dias. Os cursos sobre o filósofo alemão proliferavam. (idem, idem)

2.1 Outros ideólogos progenitores da Revolução Cultural

Entre aqueles intelectuais cujas teorias contribuíram para atizar a rebeldia estudantil de 1968, muitíssimos outros poderiam ser citados, além dos que inauguraram a tradição do Marxismo Ocidental – Lukács e Gramsci – e dos que pertenceram à Escola de Frankfurt. Entre eles, um que se tornou muito conhecido foi Cornelius Castoriadis, um dos fundadores do grupo socialista libertário *Socialismo ou Barbárie*, originário da Quarta Internacional. Castoriadis, chamado de “filósofo da autonomia”, fomentou a insubordinação questionadora ante tudo o que está instituído pela sociedade em matéria de leis, valores e costumes. Defendia que cada ser humano, para ser livre, deveria renegar tudo o que havia recebido, em termos de socialização, dos próprios pais, dos professores, dos ensinamentos religiosos, de toda a cultura tradicional, e reelaborar, por si mesmo, um novo paradigma de princípios e comportamentos. (cf. VIEIRA, 2010) O caráter revolucionário da proposta é evidente.

Guy Debord, o acusador da “sociedade do espetáculo” capitalista, que também manifestava ojeriza ao burocratismo totalitário stalinista, foi outro ideólogo que muito entusiasmou a crítica cultural daquela geração:

Na linguagem da contradição, a crítica da cultura se apresenta *unificada*: porque domina toda a cultura – seu conhecimento e sua poesia –, e porque ela já não se separa da crítica da totalidade social. É essa *crítica teórica unificada*, e apenas ela, que vai ao encontro da *prática social unificada*. (DEBORD, 2008, p. 135)

Quanto a Jean Paul Sartre, que foi militante das correntes filosóficas existencialista e marxista e também influenciou consideravelmente os movimentos

estudantis – ao lado de Simone de Beauvoir, um ícone intelectual da “liberação feminina” – o também materialista dialético Perry Anderson (1976) revela:

O novo fenômeno mais importante da primeira década após a Guerra⁹ foi o impacto do marxismo nos meios existencialistas que tinham começado a aparecer durante a ocupação e que atingiram uma ampla irradiação cultural após ela, com os trabalhos de Sartre, Merleau-Ponty e Simone de Beauvoir. Este impacto foi mediado pela influência de Alexandre Kojève, o primeiro filósofo acadêmico a introduzir Hegel sistematicamente em França antes da Guerra e cuja interpretação «existencial» de A Fenomenologia do Espírito abriu a Sartre e a Merleau-Ponty um caminho directo para o marxismo após o termo do conflito. (ANDERSON, 1976, p. 53)

O resultado desta transição de Sartre foi que ele “se juntou ao movimento comunista internacional em 1950.” (ANDERSON, 1976, p. 41). Mais adiante, no terceiro capítulo, veremos que um pujante meio de produção cultural que incorporou muito do existencialismo sartreano foi a indústria cinematográfica de Hollywood. Antes de Sartre, outro pensador que marcaria a história do Partido Comunista Francês, Louis Althusser, já havia aderido ao movimento em 1948. Althusser ampliou o conceito de “aparelhos de hegemonia” de Gramsci e se aprofundou na questão da cultura e das instituições sociais que contribuíam para a legitimação e disseminação da “ideologia burguesa”. Althusser chamou estas instituições de “Aparelhos Ideológicos de Estado”, os AIE; a causa do sucesso da cultura burguesa, e a chave para o sucesso da revolução cultural e para o triunfo da “filosofia da *práxis*”.

os Aparelhos Ideológicos de Estado podem não apenas ser os meios mas também o lugar da luta de classes, e freqüentemente de formas encarnadas da luta de classes. A classe (ou aliança de classes) no poder não dita tão facilmente a lei nos AIE como no aparelho (repressivo) do Estado, não somente porque as antigas classes dominantes podem conservar durante muito tempo fortes posições naqueles, mas porque a resistência das classes exploradas pode encontrar o meio e a ocasião de expressar-se neles, utilizando as contradições existentes ou conquistando, pela luta, posições de combate. (ALTHUSSER, 2003, p. 71-72)

Entre os AIE mais destacados – nos quais os revolucionários deveriam conquistar “posições de combate” – Althusser enumera os seguintes:

AIE Religiosos (o sistema das diferentes Igrejas)
AIE escolar (o sistema das diferentes “escolas” públicas e privadas)
AIE familiar
AIE jurídico
AIE político (o sistema político, os diferentes Partidos)
AIE sindical
AIE de informação (a imprensa, o rádio, a televisão, etc)
AIE cultural (Letras, Belas Artes, esportes, etc...)
Nós afirmamos: os AIE não se confundem com o Aparelho (repressivo) de Estado. (ALTHUSSER, 2003, p. 68)

⁹ Refere-se à Segunda Guerra Mundial.

2.2 O álibi da Guerra do Vietnã

Consta que a maior parte dos rebeldes da Sorbonne era formada por “socialistas libertários”, que haviam rompido tanto com a moral repressiva da “sociedade de consumo” quanto com o bolchevismo da URSS. Porém, apesar de a maioria dos jovens rebeldes de 1968 não serem adeptos de um marxismo leninista e soviético, eles sentiam-se estimulados por revoluções marxistas apoiadas pelo poder soviético, como a de Cuba e a do Vietnã. No imaginário dos contestadores, o fato de haver povos subdesenvolvidos que se rebelavam contra os EUA e prometiam um “mundo novo” já era motivo suficiente de entusiasmo para eles, não obstante as atrocidades que esses novos regimes “anti-imperialistas” pudessem estar cometendo em seus territórios.

A Guerra do Vietnã tornou-se um álibi para as insurreições daquele ano e foi, inclusive, usada como justificava para defender a liberação sexual, uma vez que a atividade militar norte-americana no país asiático estava, no imaginário dos rebeldes, confirmando a tese de Marcuse de que a repressão sexual tem como efeito colateral o aumento da agressividade. Segundo Ridenti (2005), os EUA estavam dando apoio militar ao Vietnã do Sul para impedir que o governo de Saigon sucumbisse ante a ofensiva do Estado comunista do Vietnã do Norte, apoiado pela URSS, e os assaltos dos guerrilheiros da Frente Nacional para a Libertação do Vietnã do Sul, apelidada pelos americanos de *Vietcong*.

na América Latina, inclusive no Brasil, repercutia sobretudo em setores da juventude o chamamento de Che Guevara para que se constituíssem no continente novos Vietnãs contra o domínio imperialista dos EUA. A idéia de seguir o exemplo revolucionário vietnamita teve muitos adeptos na Europa e até mesmo nos Estados Unidos; (idem, p. 138)

2.3 A inauguração dos costumes libertários

A Liberação Sexual iniciada na época pode ser considerada fruto da ampla difusão de alguns autores, como Wilhelm Reich, Herbert Marcuse e também o biólogo estadunidense Alfred Kinsey, considerado o pai da Sexologia nos EUA, onde também é contestado sob as acusações de ter utilizado de experiências sexuais com crianças (cf. FARAH, 2010; REISMAN, 2000) e de ter fraudado os dados colhidos em suas pesquisas (cf. OPPERMAN, 2005). Aproveitando a onda de protestos contra a guerra, os movimentos feministas radicalizaram-se e redobram o seu empenho em lutar contra

a sociedade “fálica e imperialista”. Marcelo Ridenti (2005, p. 139) diz que “o mesmo ocorreria com movimentos homossexuais, gays e lésbicas.”.

Por sua vez, Zuenir Ventura lembra que parte daquela geração também procurava “subverter o casamento pela sua destruição” (VENTURA, 2008a, p. 34). Segundo o autor, inauguravam-se então os relacionamentos liberais nos quais a infidelidade mútua dos parceiros, a traição aberta, era motivo de elogio nos círculos libertários. É a partir de então que ganha força também a idéia de que família tradicional, baseada no matrimônio sacramental e indissolúvel, é equivalente a uma “prisão”, à “escravidão”; e o *lobby* pelo divórcio a partir daí começa ganhar redobrado fôlego no mundo ocidental. Recordamos Ventura (2008a) que mesmo os casais com filhos que já tinham uma caminhada de vida juntos, começavam a se separar simplesmente porque “estava na moda”:

Marília algum tempo depois resolveu também se separar. Com cinco anos de análise, um marido de quem gostava e duas adoráveis filhas, mesmo assim a dona-de-casa Marília Carneiro teve "curiosidade de ver na prática como era aquela vida que a gente pregava". Sua amiga Zelinda Lee chegou a adverti-la: "Você e o Mário se davam tão bem! Tenho certeza de que só estão se separando porque é moda." A moda - ou a vida que "pregava" essa geração de jovens mulheres entre 20 e 30 anos - consistia em questionar os valores institucionais que davam sustentação ao que chamavam com desdém de "casamento burguês": a monogamia, a fidelidade, o ciúme, a virgindade. (p. 33)

Será o estopim para que as legislações dos países ocidentais começassem a consagrar as demandas libertárias gradualmente. Mais tarde, a dissolução da família tradicional pretendida pelos revolucionários de 1968 se institucionalizaria na forma de leis mais permissivas. O que viria, por exemplo, com a legalização do concubinato, a descriminalização do adultério e da bigamia, e o recente “divórcio relâmpago”. Enfim, acreditamos que, pela própria evidência dos inúmeros exemplos observáveis, seria desnecessário demonstrar que houve uma influência notória da revolução sexual nas produções da Indústria Cultural depois dos anos 1960. Ainda assim, no capítulo terceiro apontaremos, por exemplo, que até mesmo um sociólogo da chamada “esquerda libertária”, Pierre Bourdieu, deprecia em livro o excesso de “exibicionismo” e de “voyeurismo” que passaram a fazer parte dos canais de TV franceses.

2.4 A chamada “herança maldita” de 68

No segundo livro que escreveu sobre o ano da rebeldia, *1968: O que fizemos de nós*, Zuenir Ventura (2008b) usa o subtítulo “A herança maldita” para o tópico em que fala da relação entre as drogas e a geração de 1968. Isentando os revolucionários da contracultura da culpa pelos índices atuais de usuários de drogas e pelos problemas sociais e de saúde pública que os narcóticos têm causado, Ventura (idem) lembra logo no primeiro parágrafo que as drogas não foram criadas por aquela geração. Contudo, logo em seguida, lembra também que

1968 ficou marcado pelo lema hippie que se espalhou pelo mundo: “sex, drugs and rock and roll”. Desse tripé, que sustentou toda a mitologia contracultural, as drogas são hoje o tema que mais controvérsia desperta em todo o mundo. [...] Embalada pela efervescência hippie e sem conhecer em toda a sua extensão o malefício das drogas ilegais, a geração de 1968 assumiu em relação ao problema uma atitude de condescendência, em nome da liberdade de experimentação existencial. A situação agora se inverteu. Em quarenta anos, a visão do problema mudou de um extremo a outro, passando do “liberou geral” à interdição total. Mesmo assim, calcula-se que cinco de cada cem habitantes do planeta entre 15 e 65 anos consumam substâncias ilícitas. (VENTURA, 2008b, p. 64-66)

Para Ventura (ibidem), os grandes festivais da geração da contracultura, politizados e idealistas, como Woodstock – onde os jovens ouviam rock’n roll, usavam substâncias psicodélicas e se liberavam da moral da “sociedade repressiva”, mas também faziam manifestos contra a guerra, contra a devastação ambiental, contra a “sociedade de consumo”, etc – foram hoje substituídos pelas festas *rave*, onde não há luta por causa alguma, mas tão somente a busca incessante do prazer. O autor também sugere que o lema “sexo, drogas e rock’n roll” poderia hoje ser substituído por “sexo, drogas e *rave*”, com a diferença de que, segundo ele, as drogas não são exatamente as mesmas – predominavam a maconha e o LSD em 1968 – e o sexo tornou-se mais perigoso depois da AIDS.

Contudo, Ventura repudia as críticas que tem surgido àqueles movimentos de contracultura imputando-lhes injustamente a culpa por certos desconcertos atuais, segundo ele. Para o autor, hoje estaria em curso

um processo revisionista, uma espécie de inventário negativo, encerrando a indulgência plenária de que 68 gozou durante tanto tempo. Ao que tudo indica, chegou a hora da desforra. Passou-se a negar-lhe até o direito à vida. Ele não deveria ter existido, na opinião de alguns, e, uma vez começado, deveria ter logo acabado. Acabado, deveria ser esquecido. Condena-se 68 como responsável distante pelos desregramentos do mundo atual. Tudo teria tido origem ali: a permissividade, a decadência dos valores morais, o

enfraquecimento das instituições, a tirania do prazer, a falência do ensino, o desrespeito à lei, o culto das drogas, a falta de limite dos adolescentes [...] Kristin Ross, que é também professora de marxismo, fala dos que “foram de esquerda durante cinco minutos”, se arrependeram, carregam como uma cicatriz a marca da dissidência e criaram um “relato de conversão” que começa com frases mais ou menos assim: “Eu estava cego, mas agora vejo”; “Eu encontrei a lucidez”. (VENTURA, 2008b, p. 95)

O Dr. Joseph D. Douglass, professor da Universidade de Cornell que foi consultor de agências governamentais dos EUA em políticas de defesa, segurança e inteligência, lançou em 1999 um livro chamado *Red Cocaine: The drugging of America and the West* – “Cocaína Vermelha: A narcotização dos EUA e do Ocidente”. Na obra, Douglass assevera que a União Soviética, a China, Cuba, além de outros países e movimentos vinculados ao Socialismo, estiveram mancomunados em um sofisticado plano para “narcotizar” as democracias ocidentais, sobretudo os EUA, usando as drogas como arma para minar as sociedades capitalistas. O esquema teria envolvido, por exemplo, a criação de rotas de tráfico e a aplicação da guerra cultural gramsciana, a fim de desmoralizar e “enfraquecer o tecido social dos EUA pela promoção do uso de drogas” (DOUGLASS, 1999, p. 7), assim como dos demais países capitalistas. Não nos aprofundaremos neste assunto para não nos desviarmos do foco a que este trabalho se propõe, que é a influência da subversão ideológica na Indústria Cultural. No capítulo seguinte, porém, apresentaremos o testemunho de dois agentes de desinformação soviéticos, Yuri Bezmenov e Ion Mihai Pacepa, que, após desertarem, revelaram o *modus operandi* do aparato de subversão mantido na Guerra Fria pela URSS.

3. A Contracultura invade a Indústria Cultural

No livro *Revolução e Cultura*, Octavio Ianni, discorrendo sobre a *práxis* que deve preceder à implantação de um Estado revolucionário, prescreve:

A cultura socialista, em sentido amplo, desenvolve-se antes da tomada do poder. Por dentro da sociedade burguesa, ou melhor, por dentro da própria cultura burguesa, desenvolvem-se produções científicas, artísticas e filosóficas, além das estritamente políticas, que apontam para outra forma de sociedade. Realizam-se produções culturais em que se exerce a crítica mais ou menos radical da cultura e modo de vida burgueses. (IANNI, 1983, p. 107)

É muito aceita a opinião de autores consagrados de que o próprio capitalismo assimilou certas demandas do Maio de 1968 – como o sexo livre, por exemplo – e transformou-as em produtos com valor comercial que passaram a contribuir para a própria lógica do sistema (cf. GIDDENS, 1993, p. 194). No entanto, cabe aqui um questionamento: teria sido o capitalismo que primeiro converteu os elementos da contracultura em engrenagens do próprio sistema, ou foi a revolução cultural que foi “se insinuando pelas frestas do sistema” (MORETZSOHN, 2007, p. 31) até conseguir infiltrar e plasmar os todos os seus “aparelhos de hegemonia”? Neste trabalho, intentamos contribuir para esta discussão mostrando quão notória é a disseminação de obras de artistas e intelectuais identificados com o pensamento marxista, inclusive nos meios de comunicação de massa. Já em 1968, segundo atesta Zuenir Ventura, “as várias siglas que já dividiam as organizações políticas de esquerda começavam a encontrar suas correspondentes no teatro, no cinema, na música e no comportamento.” (VENTURA, 2008a, p.88). Sobre os produtos culturais que se difundiram a partir daqueles anos, o autor testemunha, por exemplo, a eficácia das editoras e do cinema na propagação das idéias da revolução sexual:

Um passeio pelas livrarias do país em 68, tal como fizera Caetano pelas bancas de revistas em *Alegria, Alegria*, não chegou a reforçar essa impressão de que a nossa revolução sexual não começou na cama, mas nas prateleiras; pela teoria, antes prática. Em cada três livros, garantia uma pesquisa, pelo menos um tratava de questões sexuais. Em março, Carmen Silva constatava na revista *Cláudia*: "O sexo se converteu em tema de palestra, em diálogo social, em bate-papo em mesa de bar." posterior, Como o *Festival de Cinema Amador*, do JB, que anualmente como se verá, se realizava em novembro, era também sintomático das novas inquietações dos jovens. Em 65, quando foi criado, os 40 filmes inscritos falavam ou de miséria ou de favelas. Em 68, os 28 selecionados, dos 47 inscritos, continham mais sexo, política e violência do que todos os apresentados nos anos anteriores. (VENTURA, 2008a, p. 36)

O poder da “arte engajada”, ideologicamente comprometida, pode até mesmo redefinir a memória de um acontecimento histórico no imaginário popular, de forma que a versão da história que a arte representa passa a ser mais aceita do que aquela que os documentos históricos testemunham, como exemplificou Gustavo Corção (1973) comentando o exemplo de *Guernica*, a célebre obra de Pablo Picasso que teria retratado, segundo ele, um crime de guerra que nunca aconteceu. Outro exemplo de relação controversa entre um ícone ideológico e a História é um dos maiores símbolos imagéticos da influência que a contracultura imprimiu na cultura de massas: a famosa imagem heróica de Che Guevara estampada em camisetas, pôsteres e inúmeros outros produtos. O revolucionário argentino tornou-se, depois de sua morte, “um mártir, quase um santo”, nas palavras de Ventura (2008b, p. 114). A célebre foto do rosto de Che “foi parar em biquínis da modelo Gisele Bündchen, em tatuagens no braço de Maradona e no peito de Mike Tyson” (idem, idem), assim como na capa do CD *American Life* da *popstar* Madonna, sendo hoje uma das imagens mais difundidas no mundo. Isto, não obstante os testemunhos desfavoráveis sobre Guevara, incluindo o de Juanita Castro – irmã dos líderes Fidel e Raul Castro – que, comentando sobre a escalada do totalitarismo em Cuba, segundo matéria publicada em 27 de outubro de 2009 no site R7 Notícias, declarou:

O primeiro que começou a tomar medidas radicais foi Che Guevara, ao encarregar-se da guarnição La Cabaña. Ali começaram a fazer juízos sumaríssimos, bom, não eram juízos, porque determinavam quem seria condenado à morte sem investigarem o que tinham feito. (IRMÃ..., 2009)

Contudo, a demanda dos rebeldes de 1968 que mais parece ter influído na Indústria Cultural teria sido mesmo a liberação sexual. Ventura cita, por exemplo, uma colunista da Revista Claudia, Carmen da Silva, que “se dirigia a um amplo público de classe média” e que foi, segundo ele, uma “competente divulgadora da Revolução Sexual” na imprensa (VENTURA, 2008a, p. 38). Mencionando figuras públicas que foram da geração de 1968 e fizeram parte dos movimentos, partidos ou guerrilhas que se engajaram na luta política naquela época, e que hoje ocupam ou ocuparam recentemente os altos escalões do poder – inclusive no Supremo Tribunal Federal, onde esteve o ex-ministro Eros Grau, ex-guerrilheiro e autor de um romance erótico-revolucionário, que admitiu ainda ser comunista, declarando que “quem foi [comunista], nunca deixa de ser” (VENTURA, 2008b, p. 50) –, o jornalista diz:

Os remanescentes daquela época formam um enorme elenco que está ou esteve presente em vários escalões do serviço público (sem falar na universidade, no *showbizz*, na publicidade, no jornalismo). [VENTURA, 2008b, p. 48]

3.1 O mercado editorial

Para citar um exemplo, a editora Civilização Brasileira, hoje incorporada ao Grupo Editorial Record, foi uma das pioneiras no promissor negócio de livros marxistas que, mais tarde, tornaria a “filosofia da *práxis*” absolutamente hegemônica no mercado editorial brasileiro na área de Ciências Humanas e Sociais (cf. CARVALHO, 2005). No Brasil das décadas de 1960 e 1970, além dos já popularizados Jorge Amado e, em menor medida, Pablo Neruda, outros escritores autodeclarados socialistas fizeram sucesso nos círculos mais intelectualizados. Zuenir Ventura menciona alguns dos autores revolucionários que se tornaram *best sellers* em 1968, inclusive aqueles que incitaram o anti-americanismo que então se cultivava como expressão própria da contracultura:

O boom editorial do ano indica um tipo de demanda que passava por algumas inevitáveis futilidades. Mas se detinha de maneira especial em livros de densas idéias e em refinadas obras de ficção. Nas listas de best sellers, convivem nomes como Marx, Mao, Guevara. Débray, Lukács, Gramsci, James Joyce, Herman Hesse, Norman Mailer e, claro Marcuse. A *Civilização Brasileira*, investindo na qualidade, era capaz de audácias como o lançamento de *O Capital* – em edição integral e pela primeira vez em língua portuguesa – e de *Ulysses*, de James Joyce, numa portentosa tradução de Antônio Houaiss. A editora não temia, além disso, alternar um pacote de quatro Norman Mailer com a memorável trilogia sobre *Trotsky*, de Isaac Deutscher. Até o imbatível general das tropas do Vietnã do Norte, Vo Nguyen Giap, obtinha surpreendentes vitórias no território dos mais vendidos aqui. Seu livro *O Vietnã segundo Giap* esgotou duas edições em dez dias. (VENTURA, 2008a, p. 52)

O consumo desses livros, no entanto, nem sempre tinha, para aquela juventude arrebatada pela luta revolucionária, uma finalidade essencialmente informativa, espiritual, filosófica, de aquisição de saber. Ao que parece, segundo Ventura (2008b) a preocupação maior de muitos deles não era compreender o mundo, mas sim mudá-lo. As idéias que encontravam nos clássicos revolucionários era o combustível necessário para manter aceso o fogo da rebeldia. Havia uma finalidade prática para aquelas leituras: a militância, a *práxis*:

Quando se constata que, ao lado desses, os livros sobre sexo representavam um terço dos lançamentos, pode-se ter uma idéia da pluralidade do consumo. Os pensadores de esquerda tinham a preferência do "público jovem universitário. Havia um interesse especial por aquelas obras que, de uma maneira ou de outra, traziam uma contribuição prática à pedagogia revolucionária. Revolução na revolução, de Régis Débray, Os pensamentos, de Mao, o Diário, de Guevara, funcionavam como manuais ou cartilhas. Era comum perguntar-se não por quê?, mas "para quê? você está lendo esse livro?" (VENTURA, 2008a, p. 53)

A instrumentalização revolucionária dos estudos, da busca do conhecimento e mesmo da própria produção de ciência, não seria uma prática originalmente alheia ao marxismo ocidental, mas algo que corresponde propriamente às suas origens, que remete às obras escritas por Gramsci na década de 1920:

O ideólogo italiano Antônio Gramsci [...] dizia que o pensamento do indivíduo é apenas um eco da ideologia de sua classe, Gramsci estende essa generalização a toda a atividade mental humana, concluindo que a ciência, a arte e a filosofia não têm outra finalidade senão expressar as forças políticas de cada época, e que portanto o homem não foi dotado de inteligência senão para integrar-se no combate ideológico. A consciência, aqui, torna-se *ancilla propagandae*. (CARVALHO, 2007, p. 140)

3.2 Atividades de desinformação e subversão da URSS no Ocidente

Em entrevista concedida em 1984 por Yuri Bezmenov, ex-membro da agência soviética de imprensa Novosti – um dos braços da KGB, agência de informação e segurança da extinta URSS –, a G. Edward Griffin, cujo conteúdo gravado em videotape foi distribuído pela American Media com o título *Soviet Subversion of the Free World Press - A conversation with Yuri Bezmenov, former propagandist for the KGB* (“*Subversão Soviética da imprensa do Mundo Livre – Uma conversa com Yuri Bezmenov, propagandista formador da KGB*”), fica manifesto que a revolução cultural ocidental não somente não foi um fenômeno espontâneo derivado da crise das sociedades capitalistas, como também não foi planejada e fomentada apenas por intelectuais ocidentais. Segundo Bezmenov, a agência para a qual ele trabalhava estava diretamente empenhada em cooptar formadores de opinião nos países ocidentais:

A maioria da atividade do departamento era compilar uma enorme quantidade... volume de informação sobre indivíduos que eram instrumentais em criar opinião pública: Editores, redatores, jornalistas, atores, educadores, professores de ciência política, membros do parlamento, representantes de círculos empresariais.¹⁰ (BEZMENOV, 1984)

¹⁰ Tradução livre para: Most of the activity of the department [KGB] was to compile huge amount / volume of information, on individuals who were instrumental in creating public opinion. Publisher,

Em outro momento da entrevista, relata como a desinformação era promovida através de jornalistas especialmente selecionados para visitar a URSS e enaltecer o modelo soviético na imprensa ocidental:

Em 1967 a KGB me associou a esta revista, a revista *Look*. Um grupo de 12 pessoas chegou à URSS vindos dos EUA para cobrir o 50º aniversário da revolução socialista de outubro em meu país. Da primeira a última página era um pacote de mentiras, clichê de propaganda que foi apresentado aos leitores americanos como deduções e opiniões de jornalistas americanos. Nada podia estar mais longe da verdade. Essas não eram opiniões, não eram opiniões de maneira alguma. Eram os clichês que a propaganda soviética queria que o público americano pensasse que eles pensavam, se isso chega a fazer algum sentido. Certamente faz, porque do ponto de vista da propaganda soviética, apesar de haver críticas sutis ao sistema soviético, a mensagem básica é que a Rússia hoje é um sistema bom, funcional e eficiente, apoiado pela maioria da população. Essa é a maior mentira. E, é claro, intelectuais e jornalistas americanos da revista *Look* elaboraram esta inverdade de várias formas diferentes, eles intelectualizaram essa mentira, eles acharam todo tipo de justificativas para contar mentiras ao público americano. [...] Eles eram pré-selecionados muito cuidadosamente. Não há muita chance de um jornalista honesto chegar à URSS e ficar lá por um ano e trazer esse pacote de mentiras pra casa.¹¹ (idem, idem)

Bezmenov revela ainda que ele só chegou a desertar em 1970, sete anos depois de se formar e começar a trabalhar para a *Novosti*. Isto porque, além de temer a própria agência para a qual trabalhava, temia também o que a mídia ocidental pudesse dizer sobre ele, temia que pudessem taxá-lo de “macartista, fascista e paranóico”. Bezmenov menciona também o treinamento que era dado na União Soviética para estrangeiros, a fim de lutarem nos “Movimentos de Libertação Nacional” de seus respectivos países, mas não convém nos estendermos nesse assunto. A questão mais relevante aqui é o que

editors, journalists, uh actors, educationalists, professors of political science. Members of parliament, representatives of business circles.

¹¹ Tradução livre para: In 1967, the KGB attached me to this magazine, *Look* magazine. A group of twelve people arrived in USSR from [the] United States to cover the 50th Anniversary of [the] October Socialist Revolution in my country. From the first page to the last page, it was a package of lies: propaganda cliché[s] which were presented to American readers as opinions and deductions of American journalists. Nothing could be [further] from [the] truth. These were not opinions; they were not opinions at all. They were the clichés which the Soviet propaganda [wanted the] American public to think that *they* think—if [that makes] any sense at all. It sure does, because from the viewpoint of the Soviet propaganda, although there are some subtle criticism[s] of the Soviet system, the basic message is that Russia today is a nice, functioning, efficient system, supported by [the] majority of [the] population. hat’s the biggest lie, and of course, American intellectuals and journalists from *Look* magazine elaborated on that untruth in various different ways. The intellectual lies that lie... they found all kind[s] of justifications for telling lies to American public. [...]They were pre-selected very carefully, and there is not much chance for honest journalists to arrive to USSR , to stay there for one year, and to bring this package of lies back home.

o desertor russo relevou sobre as atividades de subversão cultural realizadas por seu governo em outros países. Ele as descreve da seguinte forma:

Subversão ideológica é um processo que é legítimo, antigo e aberto. Você pode vê-la com os seus próprios olhos. Tudo o que a mídia de massas dos EUA tem que fazer é tirar as bananas dos ouvidos, abrir os olhos, e então eles poderão enxergá-la. Não há nenhum mistério. Isso não tem nada a ver com espionagem. [...] a ênfase principal da KGB não é de forma alguma na área de inteligência. De acordo com minha opinião e a opinião de muitos desertores do meu calibre, apenas uns 15% do tempo, dinheiro e pessoal são gastos com espionagem propriamente dita. Os outros 85% é um lento processo que nós chamamos de subversão ideológica ou medidas ativas, “aktivnye meropriyatiya”, na linguagem da KGB, ou “guerra psicológica”. O que isto basicamente significa é: mudar a percepção da realidade de cada americano a tal ponto que, apesar da abundância de informação, ninguém seja capaz de chegar a conclusões razoáveis no interesse de defender a si mesmos, suas famílias, sua comunidade e seu país. É um grande processo de lavagem cerebral que anda bastante devagar e é dividido em quatro estágios básicos. Sendo que o primeiro é a “desmoralização”. Leva de 15 a 20 anos para “desmoralizar” uma nação. Por que este número de anos? Porque este é o número mínimo de anos necessário para educar uma geração de estudantes no país do seu inimigo, expostos à ideologia do inimigo. Em outras palavras, ideologia marxista-leninista vai sendo injetada nas cabeças moldáveis de pelo menos três gerações de estudantes americanos, sem ser contestada ou contrabalanceada pelos valores básicos do americanismo... do patriotismo americano. O resultado... o resultado você pode ver: A maioria das pessoas que se graduaram nos anos 60, desistentes ou pseudo-intelectuais estão agora ocupando as posições de poder no governo, no funcionalismo público, nas empresas, na mídia de massas, no sistema educacional. Vocês estão atolados com eles. Vocês não podem ficar livres deles. Eles estão contaminados; estão programados para pensar e reagir a certos estímulos de acordo com certo padrão. Você não pode mudar as idéias deles, mesmo se você os expuser às informações autênticas, mesmo que você prove que branco é branco e preto é preto, você não consegue mudar a percepção básica e lógica de comportamento deles. Em outras palavras, essa gente... O processo de desmoralização é completo e irreversível.¹² (idem, idem)

12 Tradução livre para: Ideological subversion is the process which is [a] legitimate, old word, and open. You can see it with your own eyes. All American mass media has to do is to "unplug bananas" from their ears, open up their eyes, and they can see it. There is no mystery. It has nothing to do with espionage. [...] According to my opinion, and the opinions of many defectors of my caliber, only about 15% of time, money, and manpower is spent on espionage as such. The other 85% is a slow process which we call either ideological subversion, active measures, “aktivnye meropriyatiya”, in the language of KGB, or psychological warfare. What it basically means is: to change the perception of reality of every American that despite of the abundance of information no one is able to come to sensible conclusions in the interest of defending themselves, their families, their community, and their country. It's a great brainwashing process which goes very slow and is divided into four basic stages. The first stage being "demoralization". It takes from 15 to 20 years to demoralize a nation. Why that many years? Because this is the minimum number of years required to educate one generation of students in the country of your enemy exposed to the ideology of the enemy. In other words, Marxism-Leninism ideology is being pumped into the soft heads of at least 3 generation of American students without being challenged or counterbalanced by the basic values of Americanism; American patriotism. The result? The result you can see -- most of the people who graduated in the 60's, dropouts or half-baked intellectuals, are now occupying the positions of power in the government, civil service, business, mass media, and educational systems. You are stuck with them. You can't get rid of to them. They are contaminated. They are programmed to think and react to certain stimuli in a certain pattern [alluding to Pavlov]. You can not

Apresentando slides com fotos de suas atividades na Novosti, Bezmenov também conta a Griffin que uma de suas atribuições era conduzir as visitas de estrangeiros simpáticos ao comunismo que iam à Rússia para confirmar suas convicções ideológicas:

Outra área de atividade que havia quando eu trabalhava para a Novosti era acompanhar grupos de ditos “intelectuais progressistas”: escritores, jornalistas, editores, professores, professores universitários. Aqui você pode me ver no Kremlin – sou o segundo à esquerda – com um grupo de intelectuais paquistaneses e indianos. A maioria deles fingia não entender que nós estávamos trabalhando para o governo soviético e a KGB. Eles fingiam que eles eram convidados de verdade, VIPs, intelectuais, que eles eram tratados de acordo com seus méritos e habilidades intelectuais. Para nós eles eram apenas um bando de prostitutas políticas a serem aproveitadas para várias operações de propaganda. [...] Preste atenção no número de garrafas na mesa. Esta era uma das formas de matar a consciência ou curiosidade de jornalistas estrangeiros. Uma das minhas funções era manter os convidados estrangeiros permanentemente embriagados. No momento em que pousavam no aeroporto de Moscou, eu tinha que levá-los ao salão VIP e brindar à amizade e compreensão entre as nações do mundo um copo de vodca e aí um segundo copo de vodca e em pouco tempo meus convidados estariam se sentindo bem alegres, eles veriam tudo em uma cor rosa bonitinha e este é o estado no qual eu tinha de os manter permanentemente pelos próximos 15 ou 20 dias. Num certo momento eu tinha que tirar o álcool deles de modo que alguns deles, que são os mais recrutáveis, estariam meio abalados, culpados, tentando se lembrar do que falaram na noite anterior. Esta é a hora de se aproximar deles com todo tipo de *nonsense*, tipo comunicado conjunto ou manifesto em prol de propaganda soviética, esta é a hora em que estão mais flexíveis e, é claro, o que não compreendiam ou não perceberam ou fingiram que não perceberam é que eu mesmo, que estava bebendo com eles, na verdade não estava bebendo nada. Eu tinha jeitos de me livrar do álcool através de várias técnicas, incluindo pílulas especiais dadas a mim por meus colegas. Mas eles estavam tomando pra valer, em outras palavras, eles consumiam grandes volumes de álcool e se sentiam bem mal na manhã seguinte.¹³ (idem, idem)

change their mind even if you expose them to authentic information. Even if you prove that white is white and black is black, you still can not change the basic perception and the logic of behavior. In other words [for] these people the process of demoralization is complete and irreversible. **Obs:** Apesar da extensão das declarações citadas, optamos por preservar as falas do entrevistado, apenas traduzindo-as e dispondo-as na forma de citações diretas, a fim de que se possa checar a fidelidade ao sentido de suas palavras.

¹³ Tradução livre para: Another area of activity when I was working for the Novosti [Press Agency] was to accompany groups of so-called ‘progressive intellectuals’: writers, journalists, publishers, teachers, [and] professors of colleges. You can see here in [the] Kremlin, I am [the] second on the left, with a group of Pakistani and Indian intellectuals. Most of them pretended [that] they don’t understand that we are actually working on behalf of the Soviet government and the KGB. They pretended that they are actually being *guests*—VIP intellectuals—that they are treated according to their merits and their intellectual abilities. For us they were just a bunch of political prostitutes to be taken advantage [of] for various propaganda operations. [...] Pay special attention to [the] number of bottles on the table. This is one of the ways to kill the awareness, or curiosity of foreign journalists. One of my functions was to keep foreign guests permanently intoxicated The moment they landed at Moscow Airport, I had to take them to the VIP Lounge and toast to friendship and understanding between the nations of the world. [A] glass of vodka, then a second glass of vodka, and in no time my guests would be feeling very happy, they would

A descrição que Bezmenov faz sobre como eram conduzidas as visitas de estrangeiros ao seu país coincide com o relato do dramaturgo brasileiro Dias Gomes, que visitou a Rússia em companhia de outros brasileiros quando era integrante do Partido Comunista Brasileiro:

os ágapes se sucediam, regados a vodca, e nada de servirem o famigerado mamífero. Chegamos a pensar que os camaradas de Moscou haviam feito uma brincadeira conosco e que não existisse tal prato. A inevitável visita a um kolkoz¹⁴ cuidado por camponeses centenários (vários haviam ultrapassado a marca dos 100 anos), num domingo friorento, colocou-nos diante de uma gigantesca e farta mesa armada na sede da fazenda, repleta de pratos frios, deliciosos acepipes. Começamos a comer e beber – o passeio pelo campo nos havia despertado o apetite. Conforme o hábito soviético, de minuto a minuto um brinde e a obrigação de ingerir até o fim um cálice de vodca; não fazê-lo era também grave ofensa. E, para neutralizar os efeitos do álcool, tínhamos que comer. Uma hora depois, estávamos todos não só bêbados como empanturrados. [...] Regressamos a Moscou para as comemorações do Primeiro de Maio. Mas antes deveríamos cumprir um ritual repetido por todas as delegações estrangeiras, levar uma coroa de flores ao túmulo de Lênin, na Praça Vermelha. (GOMES, 1998, p. 138-139)

Outro desertor que fez revelações importantes para a compreensão das atividades soviéticas de desinformação no Ocidente foi o ex-general romeno Ion Mihai Pacepa. Entre as falsidades que ele diz ter ajudado a disseminar no ocidente estão denúncias de crimes de soldados norte-americanos no Vietnã, e a acusação de que o Papa Pio XII teria sido cúmplice de Hitler – Pacepa ressaltou que “a KGB fez da corrupção da Igreja uma prioridade” (PACEPA, 2007). Sobre a lenda de Pio XII e o Nazismo, Olavo de Carvalho escreveu em 2007 para o *Jornal do Brasil*:

O ex-chefe da espionagem romena, Ion Mihai Pacepa, confessou recentemente que a onda de acusações ao Papa Pio XII, que começou com a peça de Rolf Hochhuth, *O Vigário* (1963), e culminou no livro de John Cornwell, *O Papa de Hitler* (1999), foi de cabo a rabo uma criação da KGB. A operação foi desencadeada em 1960 por ordem pessoal de Nikita Krushev. Pacepa foi um de seus participantes diretos. Entre 1960 e 1962 ele enviou a Moscou centenas de documentos sobre Pio XII. Na forma original,

see everything in [a] kind of pink, nice color, and that's the way I had to keep them permanently for the next fifteen or twenty days. At [a] certain point in time, I had to withdraw alcohol from them, so that some of them who are the most recruitable would feel a little bit shaky, guilty, trying to remember what they were talking [about] last night... That's the time to approach them with all kind[s] of nonsense such as 'Joint Communiqué' or [a] statement for Soviet propaganda. That's the time they are the most flexible. And of course what they didn't understand—they didn't realize or pretended not to realize that [I], who was drinking together with them, was not drinking at all; I had ways to get rid of alcohol through various techniques, including special pills which were given to me by colleagues. But they were taking it seriously; in other words, they would consume quite a large [volume] of alcohol and feel quite uneasy [the] next morning.

¹⁴ Unidade produtiva do sistema de coletivização da agricultura na antiga URSS.

os papéis nada continham que pudesse incriminar o Papa. Maquiados pela KGB, fizeram dele um virtual colaborador de Hitler e cúmplice ao menos passivo do Holocausto. Foi nesses documentos forjados que Hochhuth se baseou para escrever sua peça, a qual acabou por se tornar o maior *succès de scandale* da história do teatro mundial. O dramaturgo talvez fosse apenas um idiota útil, mas Erwin Piscator, diretor do espetáculo e aliás prefaciador da edição brasileira (Grijalbo, 1965), era um comunista histórico com excelentes relações no Kremlin e na KGB. Muito provavelmente sabia da falsificação. Costa-Gavras, o diretor que em 2001 lançou a versão cinematográfica da peça, decerto cabe com Hochhuth na categoria dos idiotas úteis. (CARVALHO, 2007b)

3.3 Zé Celso e o “Teatro da Agressão”

Ainda na década anterior ao Golpe Militar de 1964, o teatro brasileiro passaria a ter oficinas de teatro geridas por diretores e autores simpáticos ao materialismo histórico que converteriam aquela arte em instrumento de militância política. Dois dos exemplos que ficaram mais famosos foram o Teatro de Arena e o Teatro Oficina, ambos de São Paulo.¹⁵ Este, tornando-se mais politizado a partir da chamada “fase adulta” da produção de José Celso Martinês Corrêa, nacionalmente conhecido como “Zé Celso”, e aquele, desde o ingresso do diretor Augusto Boal no grupo (cf. LABAKI, 2002). O Teatro de Arena ficaria famoso, por exemplo, pelos musicais que apresentou inspirado na obra do alemão Bertold Brecht, poeta e dramaturgo marxista. Ambas as escolas influenciaram e continuam influenciando diretores e atores ainda hoje.

Também ficariam célebres pela dramaturgia engajada que fizeram outros nomes do teatro brasileiro como Gianfrancesco Guarnieri, Flávio Rangel e Dias Gomes – de quem a obra é explorada neste trabalho no tópico sobre a teledramaturgia brasileira. Aqui, no entanto, nos deteremos mais na figura emblemática de Zé Celso, ou melhor, na sua *práxis* declarada de guerrilha teatral, na violência que aplicava em suas peças contra os valores da sociedade de sua época, na sua estratégia de agressão à cultura oficial que lembra Gramsci, mas que, na verdade, como veremos, foi inspirada em Wilhelm Reich.

José Celso, porém, acreditava que a Revolução... tinha que, primeiro, deseducar o público pela violência e pelo choque. [...] Ele propunha substituir o proselitismo pela "porrada" e acreditava que a agressividade no teatro valia mais do que "mil manifestos redigidos dentro de toda a prudência que a política exigiria". (VENTURA, 2008a, p. 91)

¹⁵ No Rio de Janeiro, o Grupo Opinião, surgido a partir da UNE só após o Golpe Militar de 1964, viria a se tornar também famoso por sua militância através do teatro.

"O objetivo é abrir uma série de Vietnans no campo da cultura, uma guerra contra a cultura oficial, de consumo fácil." José Celso Martinês Corrêa (VENTURA, 2008a, p.85). Zé Celso, apesar de não ter se inspirado em Gramsci, pode ser considerado um modelo do "intelectual orgânico" gramsciano, uma vez que tinha consciência plena da função revolucionária que desempenhava quando promovia sua "guerra cultural" através da arte. Ventura (2008a) chama de "Teatro da Agressão" o teatro então promovido por Zé Celso e sua equipe, não apenas devido à agressão ideológica, política e intelectual, mas também pela agressão à moralidade e aos sentimentos religiosos do público, e pelos ataques físicos, que iam de jogar sangue e pedaços de fígado cru na platéia a esbofeteá-la quando as luzes do teatro se apagavam no intervalo (cf. GOMES, 1998, p. 214). Segundo Aimar Labaki (2002, p. 70), em outras apresentações os atores dirigidos por Zé Celso chegavam realmente a copular diante do público, a se masturbar e até mesmo a defecar no palco.

A técnica vinha de Brecht, mas a noção de que era preciso trabalhar o corpo para compreender e mudar a sociedade vinha do psicanalista Wilhelm Reich (1897-1957). Zé Celso e Maciel comungavam a paixão por suas teorias. Em suma, Reich diz que há uma relação direta entre as estruturas sociais e as estruturas subjetivas. As forças sociais de dominação política e econômica são introjetadas nos indivíduos em "couraças" físicas e psíquicas. Trabalhar num nível sem trabalhar no outro é inútil. Essa foi a origem do caráter cada vez mais sexuado do trabalho de Zé Celso, que o levaria ao paroxismo de realizar, nos anos 80, orgias de verdade em cena. (LABAKI, 2002, p. 34)

Segundo Ventura (idem), em 1968 Zé Celso aproveitaria a popularidade crescente alcançada pelo jovem artista Chico Buarque, então admirado inclusive pela classe média, para promover a sua "guerrilha teatral" através da peça *Roda Viva*, que Chico havia escrito no ano anterior e que, apesar do choque que causou, fez sucesso graças ao nome do artista. Antes de *Roda Viva*, a interpretação de Zé Celso para *O Rei da Vela*, de Oswald de Andrade, também já havia criado certa consternação. *Roda Viva*, porém, conseguiu criar maior controvérsia e provocar sentimentos de raiva e de indignação nos espectadores, muitos dos quais se sentiram ofendidos em sua fé, porque "entre as outras muitas provocações e deboches havia ainda uma cena em que Nossa Senhora rebojava de biquíni em frente a uma câmera de TV, enquanto esta simulava movimentos fâlicos de ir e vir" (SILVA, 2004)

Um grupo de teatro estadunidense que, segundo Labaki (2002), fascinava Zé Celso na época foi o *Living Theatre*. Este grupo fazia o que era chamado de "teatro

anárquico”, que incluía nudez total em cena e o estímulo à desobediência civil. As apresentações do *Living Theatre* fizeram sucesso em vários países ocidentais e inspiraram manifestações contraculturais por onde passaram. Em apresentação no Brasil em 1970, na cidade histórica de Ouro Preto, eles foram presos por porte de maconha e depois deportados. Desde 2007, o *Living Theatre*, cuja composição já não é a mesma de 1970, tem um espaço próprio em Manhattan, Nova York, onde apresenta principalmente remontagens de suas antigas peças, segundo o site *Living Theatre Europa*.

3.4 Da *Nouvelle Vague* a Hollywood

Sem a pretensão de discutir aqui a estética ou a linguagem inaugurada pela geração de cineastas franceses que ficaram conhecidos como *Nouvelle Vague* e os “cinemas novos” que ela fez brotar em diversos países – inclusive no Brasil, exercendo forte influência sobre o que se produziu a partir de então – intencionamos aqui tão somente indicar, mediante exemplos, a presença nos filmes de mensagens ideológicas contrárias à sociedade capitalista, à moralidade tradicional e à chamada “cultura burguesa”. Isto pretendemos a fim de identificar a *práxis* da guerra cultural também nos produtos culturais da “sétima arte”. Segundo Ventura (2008b), o próprio Jean-Luc Godard, que é provavelmente o nome da *Nouvelle Vague* que ficou mais conhecido mundialmente, teria declarado: “O que eu quero antes de tudo é destruir a idéia de cultura” (p. 110).

Um exemplo de filme daquela geração de cineastas franceses que foi também um veículo de propaganda socialista foi o prolapado *La Chinoise* (*A Chinesa*), de Godard, lançado em 1967. O filme retrata a militância de um grupo de jovens entusiasmados com as idéias de Mao Tsé-tung e a revolução comunista na China. André Setaro, professor de Comunicação Social da Universidade Federal da Bahia, acredita que o filme foi um prenúncio do Maio de 68:

Em *La Chinoise*, a partir do estabelecimento dos jovens no apartamento, Jean-Luc Godard procura discutir uma causa política, a pôr em pauta a ação, os vícios e os diálogos dos chamados "aprendizes de esquerda", uma parte muito festiva da juventude francesa que se aplica aos ensinamentos de Mao e de sua Revolução Cultural. Pode-se ver nestes jovens - e a visão de Godard é ácida e crítica - aqueles que um ano depois estariam nas ruas de Paris nas grandes manifestações do celebrado Maio de 68. (SETARO, 2008)

Sobre a confluência entre o filme de Godard e o espírito contestador daqueles tempos, Ventura comenta:

A transgressão era tida como um estágio superior da percepção e a medida de excelência de uma obra era dada pela taxa de virulência formal que continha. Não por acaso o *cult movie* do ano foi *A Chinesa*, de Godard. (VENTURA, 2008a, p. 54)

Evidentemente, muitos outros exemplos de cineastas igualmente “engajados” que não pertenceram à *Nouvelle Vague* poderiam ser aqui citados, como os italianos Bernardo Bertolucci – que ficou conhecido por *Antes da Revolução*, de 1964, e em 2003 lançou *Os Sonhadores*, uma homenagem aos estudantes revolucionários de 1968 – e Pier Paolo Passolini – que filmou o virulento *Saló, 120 dias de Sodoma*, baseado na obra do Marquês de Sade. No entanto, o intuito aqui é tão somente apontar alguns exemplos da multiplicação de produtos culturais que não apenas não refletem os valores ditos “burgueses”, mas os afrontam diretamente.

Uma obra cinematográfica famosa de um expoente da *Nouvelle Vague* que investiu, por sua vez, contra a moral e os costumes oficiais de sua época foi *Les Cousins* (*Os Primos*), de Claude Chabrol, lançado em 1959. O filme, segundo o Caderno Cultural do site do Partido da Causa Operária, narra

a história de um grupo de amigos que levavam uma vida degradada e repleta de excessos entre a boemia parisiense. Cruel e irônico, Chabrol executa uma obra ainda mais marcante que a anterior [*Nas Garras do Vício*, de 1958] em sua violência. Brialy, o protagonista do filme, tornaria-se um verdadeiro modelo de anti herói. (NOUVELLE..., 2009)

Como exemplo de filme que, em vez de mirar o sistema capitalista em si, visou atingir a religião cristã, fonte da “moralidade burguesa”, podemos citar o longa-metragem *La Religieuse* (*A Religiosa*), de Jacques Rivette. O filme retrata os padecimentos de uma noviça oprimida pelas freiras de um convento, que a mantêm como prisioneira. Baseado numa história difundida no século XVIII pelo pensador iluminista Dennis Diderot, o filme pode ser interpretado como o retrato de um fato histórico real e, portanto, tomado como uma evidência de que tal tirania tenha mesmo acontecido, ou ainda aconteça, dentro da Igreja Católica. O que Rivette nunca declarou é que Diderot, assim como outros iluministas, foram sistematicamente empenhados em difamar o cristianismo naquele conturbado século. E que o próprio Diderot confessou, em uma carta a Jacob Grimm, que “estourava de rir” por haver tantos na época que deram crédito à sua história (cf. CARVALHO, 2007c). A história de Diderot, segundo

Carvalho (idem), serviu de pretexto para que, durante a Revolução Francesa, revolucionários armados invadissem conventos e mosteiros, assassinando os religiosos que ali encontrassem. Não obstante, em 1969, a mesma farsa da noviça oprimida foi outra vez contada por Rivette a fim de que, através da película, milhões de pessoas no mundo todo possam, uma vez mais, tomá-la como história verídica.

Há cinco anos o historiador italiano Marco Meschini comentou sobre outro filme, um épico de Hollywood, que, segundo ele, também se serviu de uma distorção histórica para acometer a instituição eclesiástica. O filme *The Kingdom of Heaven* (que no Brasil recebeu o título *Cruzada*), de Ridley Scott, foi avaliado por Meschini – reconhecido internacionalmente por seu rigor histórico no estudo das Cruzadas medievais – em entrevista publicada pela agência Zenit com o título “*As Cruzadas imaginárias de Ridley Scott*”. O filme de Scott, claro, é apenas mais um dentre muitos filmes históricos cuja fidelidade às fontes documentais (ou a falta dela) poderia ser discutida. Porém, o que Meschini observa sobre o diretor de *The Kingdom of Heaven* ter moldado uma narrativa histórica segundo sua própria visão de mundo sem dúvida poderia ser aplicado a muito outros casos:

No filme de Scott, os templários são apresentados como fanáticos estupradores e assassinos, a luta por Jerusalém não tem sentido e só acarreta morte. Também, para os protagonistas, inclusive os hospitaleiros, que eram monges cavaleiros, Deus não existe. Parece-me que há um desequilíbrio de concepção. As únicas figuras positivas são as que se afastam de sua época: o ferreiro-cavaleiro Balian, o rei leproso e tolerante, o magnânimo e desencantado Saladino, que encarnam os valores que Scott gosta e que artificialmente transplantou ao século XII. O desequilíbrio mais grave está precisamente nisto: transportar ao passado o que pensa o diretor, pretendendo que seja crível. (MESCHINI, 2005)

Em Hollywood, cineastas “engajados” não seriam exceção desde a década de 1940, quando se descobriu haver funcionários da indústria cinematográfica hollywoodiana que se comunicavam com a KGB através de mensagens codificadas que ficaram conhecidas como “Código Venona” (KAUFFER, 2006). Hoje, Oliver Stone, Michael Moore e Steven Soderbergh são alguns dos mais notáveis produtores de cinema dos EUA considerados *liberals* (“de esquerda”). O roteirista Brian Godawa, no seu livro *Hollywood Worldviews* (2002), sugere que as filosofias que prevalecem hoje nas histórias contadas por Hollywood seriam o existencialismo sartreano, o niilismo de Nietzsche e o pós-modernismo.

3.5 Dias Gomes e a teledramaturgia brasileira

Um autor que ficou famoso na década de 1960, fez história na dramaturgia e na teledramaturgia brasileira, atingiu intensamente a cultura de massas, sendo suas obras celebradas ainda uma década após sua morte, e que admitiu sem receio a instrumentalização ideológica de sua arte foi Alfredo Dias Gomes. Tendo militado ativamente no Partido Comunista Brasileiro e mantendo-se, segundo o seu próprio testemunho, sempre fiel aos ideais do socialismo, Dias Gomes fez muito sucesso no teatro, mas sobretudo na TV Globo, onde produziu telenovelas que bateram recordes de audiência. Também sua primeira esposa, Janete Clair, produziu telenovelas para a emissora. Em 1998, um ano antes de seu falecimento, Gomes concluiu sua autobiografia e deu a ela o título *Apenas Um Subversivo*. Nela, revela detalhes de sua militância socialista através da dramaturgia, bem como de seu ativismo no PCB, pelo qual pôde, por exemplo, fazer a viagem supracitada à URSS.

Gomes relatou inclusive a existência de certo patrulhamento ideológico interno dentro da própria intelectualidade de esquerda (GOMES, 1998, p. 263) como forma de pressão sobre os artistas vinculados ao movimento, para que estes não aceitassem, por exemplo, trabalhar com empresários considerados “de direita”. Em outro trecho da autobiografia, o autor fala sobre as táticas de que lançava mão para burlar a censura. Conta, por exemplo, que a telenovela de sucesso internacional *Roque Santeiro* foi uma adaptação da peça *O Berço do Herói*, escrita em 1963, da qual foram alterados alguns detalhes, preservando-se o sentido da história, a fim de enganar os censores do governo militar. Falando sobre o sucesso de uma de *Roque Santeiro* em Cuba, Dias Gomes comenta:

segundo depoimento de um exilado anticomunista a um jornal americano, a hora da novela era aproveitada pelos que desejavam fazer-se ao mar rumo a Miami porque nesse momento “toda a ilha estava com os olhos vidrados na novela, até mesmo Fidel Castro”. Involuntariamente e contra meus princípios, eu estava ajudando os dissidentes a se evadirem. (GOMES, 1998, p. 224)

Das mensagens sutis que havia por trás de seus personagens, é significativo o seguinte trecho da autobiografia:

Trabalhando com símbolos e metáforas, eu tornava difícil o trabalho dos censores [...] Algumas metáforas eram de fácil apreensão, como a do nosso protagonista, João Gibão (Juca de Oliveira), que nascera com asas e era obrigado a cortá-las e ocultá-las sob o gibão de couro; no final, sua determinação de deixar crescer as asas e voar era uma clara alegoria a nosso anseio de liberdade. Ou a do latifundiário Coronal Zico (Castro Gonzaga)

roído internamente por um formigueiro, as formigas saindo-lhe pelo nariz. Ou ainda a ferosa Marcina (Sônia Braga) cujo corpo, queimando os lençóis da cama, provocava incêndios. Outras eram mais sutis e geravam as mais díspares interpretações, como Dona Redonda (Wilza Carla), que comia tanto, engordava tanto, que um dia explodia. (GOMES, 1998, p. 286)

Gomes também diz na obra que, para Bertold Brecht, “cabia ao teatro a tarefa de mudar o mundo” (GOMES, 1998, p. 286), e que, “segundo Lukács, sua intenção profunda era transformar as massas, os espectadores de suas peças. Quando eles se retirassem do teatro deveriam ter sido não somente sacudidos, mas transformados” (idem, idem). Na concepção do próprio Gomes, contudo, Brecht confere demasiada responsabilidade ao teatro, num mundo, segundo ele, já “tiranizado pela técnica”. Gomes então propõe que “o teatro deve ajustar-se ao mundo e estar apto a reproduzi-lo, mas é preciso também que seja capaz de atuar concretamente sobre ele” (GOMES, 1998, p. 286-287), pois “o teatro não pode transformar o mundo, mas por seu intermédio podemos, sem dúvida, transmitir a consciência da necessidade dessa transformação.” (idem, p. 287)

Dias Gomes tornou-se um dramaturgo de reconhecimento nacional após o sucesso da peça *O Pagador de Promessas*, que conta a saga de “Zé do Burro”, uma personagem que faz uma promessa, em um terreiro de candomblé, de carregar uma cruz por um longo percurso, como Cristo, para salvar o seu burro da morte, sendo, por isso, atormentado pela Igreja Católica. Gomes nega em sua autobiografia que a trama seja maniqueísta, mas conta que até mesmo o diretor Anselmo Duarte – que dirigiu a versão de *O Pagador de Promessas* para o cinema – via a estória como uma luta “entre heróis e bandidos, em que o herói era o candomblé, e o bandido, a igreja católica.” (GOMES, 1998, p. 183)

Com o sucesso da versão para o cinema de *O Pagador de Promessas* em 1962 e a conquista da Palma de Ouro em Cannes, Gomes tornou-se um autor conhecido internacionalmente, traduzido para várias línguas, o que o animou a “viver voltado para o teatro durante toda a década de 1960” (GOMES, 1998, p. 185). Seu trabalho tornou-se tão conhecido no exterior que o dramaturgo chegou a ser chamado para dar palestras aos alunos de Teatro de uma universidade estadunidense que tempos antes havia convidado também Jorge Amado. Em parceria com o diretor Flávio Rangel, naquela mesma década, segundo suas próprias palavras, “encenaria *A Revolução dos Beatos*, um texto

transparentemente esquerdista, que terminava com uma quase-proposta de luta armada” (idem, idem).

O autor não esconde o caráter ideológico e, em muitas ocasiões, anticlerical de várias de suas obras; revelando abertamente, por exemplo, que o “celibato dos padres” foi um dos seus alvos em *Assim na Terra como no Céu*, e que em *Verão Vermelho* uma de suas intenções foi promover um tema que era tabu na época; o divórcio. (ibidem, p. 258-259) A fim de ilustrar a questão da influência das telenovelas, enquanto fenômeno da cultura de massas, na mentalidade e nos padrões de conduta dos telespectadores brasileiros, convém mencionar aqui um estudo feito pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID – em 2009, que sugeriu haver uma relação de estímulo entre as telenovelas da Rede Globo e o aumento do número de divórcios no Brasil nas últimas décadas.

Na pesquisa do BID foi feito “um cruzamento de informações extraídas de censos nos anos 70, 80 e 90 e dados sobre a expansão do sinal da Globo – cujas novelas chegavam a 98% dos municípios do país na década de 90”. De acordo com os autores da pesquisa, ouvidos pela BBC Brasil, “a parcela de mulheres que se separaram ou se divorciaram aumenta significativamente depois que o sinal da Globo se torna disponível” nas cidades do país.” Eles também salientam que “O enredo das novelas freqüentemente inclui críticas a valores tradicionais e, desde os anos 60, uma porcentagem significativa das personagens femininas não reflete os papéis tradicionais de comportamento reservados às mulheres na sociedade.” Para realização do estudo, foram analisadas, ao todo, “115 novelas transmitidas pela Globo entre 1965 e 1999. Nelas, 62% das principais personagens femininas não tinham filhos e 26% eram infiéis a seus parceiros.”

O sociólogo de esquerda Pierre Bourdieu, falando sobre a evolução da TV na França, critica, ao mesmo tempo, o conteúdo cultural erudito que era exibido na programação televisiva na década de 1950, assim como o exibicionismo e o voyeurismo da TV pós-revolução sexual:

A televisão dos anos 50 pretendia-se cultural e, de certa maneira servia-se de seu monopólio para impor a todo mundo produtos com pretensão cultural (documentários, adaptações de obras clássicas, debates culturais, etc.) e formar os gostos do grande público; a televisão dos anos 90 visa explorar e lisonjear esses gostos para atingir a mais ampla audiência, oferecendo aos telespectadores produtos brutos, cujo paradigma é o talk-show, fatias da vida, exibições cruas de experiências vividas, freqüentemente extremas e capazes

de satisfazer uma forma de voyeurismo e de exibicionismo (BOURDIEU, 1997, p. 68)

Retomando Dias Gomes, é emblemática outra peça sua de caráter nitidamente ideológico, *O Santo Inquérito*, também bastante difundida. Com a trama, Gomes disse que pretendia criticar os IPMs – Inquéritos Policiais Militares, que haviam indiciado o dramaturgo por atividades subversivas – usando, para este fim, a metáfora de um Tribunal da Inquisição que persegue e executa uma jovem inocente. Assim, Gomes investia, numa só tacada, contra a imagem histórica da Igreja e contra as ações do Regime Militar de combate à subversão: “Não iria escrever uma peça histórica, mas uma obra de ficção baseada numa lenda, tomando, mesmo, liberdades poéticas, que alguns idiotas poderiam mais tarde acusar de “inverdades históricas”.” (GOMES, 1998, p. 213)

Em 2010 foi lançada também a versão para o cinema de *O Bem Amado*, novela de Dias Gomes que fez sucesso na TV Globo em 1973, tornando-se depois também uma série que foi exibida de 1980 a 1984 na mesma emissora. O longa-metragem, dirigido por Guel Arraes – filho do ex-governador de Pernambuco e ex-presidente do PSB, Partido Socialista Brasileiro, Miguel Arraes – também teve lançamento em Nova York, com a presença da produtora Paula Lavigne, ex-mulher do tropicalista Caetano Veloso, e é uma co-produção Globo Filmes e Natasha Filmes.

O ex-diretor de programação da TV Globo José Bonifácio de Oliveira Sobrinho – que trabalhou para a emissora até o ano de 2001, sendo hoje sócio de uma de suas afiliadas –, concedeu entrevista ao programa Roda Viva da TV Cultura no dia 13 de setembro de 2010 e falou sobre a liberdade que intelectuais socialistas e comunistas tinham para produzir conteúdo na emissora em pleno regime de exceção (1964-1985). José Bonifácio, ou “Boni”, como é mais conhecido, foi quem convidou Dias Gomes para trabalhar na emissora e é classificado pelo dramaturgo em sua autobiografia como o “principal artífice da façanha de colocar a rede Globo entre as quatro maiores redes de televisão do mundo” (GOMES, 1998, p. 127).

Durante a entrevista ao programa da TV Cultura, “Boni” revelou: “Os nossos funcionários, os nossos criadores, a maior parte deles eram socialistas (sic), ou comunistas (sic). Mas o próprio doutor Roberto nunca se importou com isso.” E em seguida cita um caso em que “doutor Roberto” – Roberto Marinho, então proprietário da TV Globo – protegeu seus funcionários socialistas perante os militares que queriam

“convencê-lo de que ele estava cercado de comunistas na redação” e queriam “entrar para prender os comunistas”, sendo, porém, impedidos de entrar pelo dono da emissora. Logo depois, ainda respondendo à mesma pergunta que lhe havia sido feita sobre o assunto, declara: “O Dias Gomes e todas as pessoas que estavam lá contribuindo por aquilo eram intelectuais de esquerda, vamos dizer assim.” “Boni” também comentou que censores do governo militar não eram capazes de captar o discurso subversivo que havia nas novelas, pois “não percebiam exatamente o poder que a novela tinha”.

3.6 Um jornalismo sob a égide de Gramsci

Como exemplo de assimilação do gramscismo na formação dos profissionais de imprensa no Brasil, a obra da professora de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense Dra. Sylvia Moretzsohn é significativa. Ela parece propor uma instrumentalização política da profissão, a partir do exercício de “pensar contra os fatos” – no sentido da concepção marxista que proclama que “é a negatividade que move a história” e que é a contestação da realidade aparente que possui, em si, o potencial para tornar mais esclarecida a consciência coletiva e mais justas as relações sociais. Tal instrumentalização deste ofício informativo é proposta em nome daquela mesma conquista da hegemonia intelectual e moral que Gramsci propugnava, a fim de criar um “novo senso comum”. A autora investe contra os conceitos clássicos que recheiam muitos manuais de ética profissional do jornalismo, sobretudo no que diz respeito aos ideais de “objetividade”, “neutralidade” e “compromisso com os fatos”:

Ocorre que o jornalismo se justifica historicamente pelo ideal iluminista de esclarecer os cidadãos; logo, estaria traindo sua proposta caso se rendesse ao “mero” relato dos fatos. O que, a rigor, também é impossível, porque, como em qualquer discurso, o relato de um fato carrega consigo necessariamente uma interpretação. Por isso, é preciso contrariar o lugar-comum de que “contra fatos, não há argumentos”, para valorizar os argumentos que investem contra a naturalização dos fatos. Logo, desfazer essa aparente contradição é o primeiro passo para se afirmarem as possibilidades do jornalismo no caminho que vai do senso comum ao senso crítico. (MORETZSOHN, 2007, p. 25)

Moretzsohn (2002) exorta ao desvencilhamento daquilo que ela chama de “noção funcionalista do jornalismo” e apregoa que a verdadeira utilidade pública à qual este ofício deveria se prestar consiste na exposição das contradições sociais do nosso tempo. Logicamente, se se tratasse apenas de determinar melhor os critérios de

“noticiabilidade” das pautas jornalísticas, procurando favorecer, com maior frequência, as pautas que tratam das indigências que sofrem os indivíduos marginalizados, com vistas a sensibilizar autoridades públicas e setores mais abastados da sociedade, a proposta da autora estaria mais do que justificada. No entanto, romper com a “noção funcionalista do jornalismo” iria muito além daquilo. Para tanto, sugere aos jornalistas o exercício de “suspensão do cotidiano”, segundo o conceito de Lukács, com a perspectiva de fornecer elementos de crítica à vida cotidiana no sistema capitalista, tendo em vista, claro, uma ulterior transformação da estrutura social:

Duas categorias são necessárias para esta análise [da atividade jornalística]: a de mediação [...] e a de cotidianidade, com ênfase no processo de suspensão, apontado por Lukács como premissa do trabalho de reflexão que, ao retornar à vida cotidiana, pode transformar o pensamento cotidiano, ou, de forma equivalente, levar o senso comum ao senso crítico, tal como Gramsci formulou em seus *Cadernos* (MORETZSOHN, 2007, p. 30)

E, quanto ao sentido de “pensar contra os fatos”:

os conflitos internos ao campo jornalístico – ou, em outros termos, a luta por hegemonia – permitem vislumbrar a produção de reportagens à contracorrente, que se insinuam pelas frestas do sistema: tal é o sentido de “pensar contra os fatos”, dotando-os de uma interpretação capaz de ajudar a promover um novo senso comum. (MORETZSOHN, 2007, p. 31)

Um mundo no qual existissem apenas veículos de imprensa com “consciência de classe”, dispostos tão somente a fazer propaganda ideológica (burguesa ou proletária), com financiamento garantido por partidos e governos, totalmente independentes da necessidade de ter credibilidade perante a opinião pública, livres das leis de mercado, não tendo que responder a ninguém pelo que publicam, a não ser aos seus respectivos partidos; eis o jornalismo que, ao que tudo indica, o gramscismo nos levaria. Como chave para o sucesso deste jornalismo engajado, Moretzsohn indica uma *práxis* efetivamente assumida pelo profissional de gazeta a partir daquela associação de conceitos dialéticos advindos de Lukács e Gramsci, numa recusa inflexível a qualquer aquiescência aos princípios estruturais do sistema que, segundo ela, “constrangem” a realização plena do ideal jornalístico:

é possível associar o conceito lukacsiano de suspensão à perspectiva gramsciana de luta política, aplicada ao campo específico do jornalismo – ou da mídia, de maneira mais geral, entendida aqui como “aparelho privado de hegemonia”: se todo sistema tem fissuras, é justo supor a possibilidade de momentos de suspensão que, nos seus limites, realizem o ideal do jornalismo apesar da estrutura que o constrange. (MORETZSOHN, 2007, p. 32)

A autora deprecia a celebração pós-moderna dos meios de comunicação como instrumentos de expressão do multiculturalismo; pois isto teria, para ela, a consequência de “obscurecer as contradições sociais”. Em *Pensando Contra os Fatos*, Moretzsohn expõe a intencionalidade mais profunda de sua proposta, mostrando o caráter revolucionário e radicalmente anti-sistêmico do modelo de jornalismo que defende:

Em suma, o que se pretende demonstrar é que o jornalismo é uma profissão cujo produto pode ser uma forma de conhecimento, resultante de um cotidiano processo de suspensão da e de retorno à cotidianidade, e que esse processo é viável e verificável mesmo nas atuais condições de produção, impositivas de constrangimentos tendencialmente castradores dessa perspectiva. Aliás, se assim não fosse, só nos restaria rejeitar o jornalismo como algo intrinsecamente alienante e ao mesmo tempo abandonar a perspectiva dialética a partir de um entendimento frankfurtianamente enviesado da concepção da totalidade, que faz supor os trabalhadores como cúmplices do capital e não como força capaz de negá-lo: então estaríamos cancelando todas as outras possibilidades de um outro jornalismo e, junto com ela, de um outro mundo. (MORETZSOHN, 2007, p. 34)

3.7 O Rock’n Roll e a revolução musical

Não apenas o Rock’n Roll, mas também o Punk e, no Brasil, o Tropicalismo, foram expressões das mudanças comportamentais e ideológicas que começaram em meados da década de 1960. Porém, dentre todos os movimentos musicais contestadores que surgiram na época, o rock parece mesmo ter sido o que mais intensamente influenciou os jovens, geração após geração, ininterruptamente. Allan Bloom, em seu livro *O Declínio da Cultura Ocidental*, reserva um capítulo inteiro para o que chamou de “O Reinado de Mick Jagger”, denotando a indivisibilidade entre a música rebelde e a figura do ídolo que encarna os ideais da rebeldia. Meditando sobre um elo entre o pensamento de esquerda e o fenômeno do Rock’n Roll, Bloom considera:

Os marxistas vêem perfeitamente que essa música dissolve as crenças e a moralidade indispensáveis à sociedade liberal e só por isso já a aprovariam. Mas talvez seja mais profunda a harmonia entre a jovem esquerda intelectual e o rock. Herbert Marcuse apelava para os estudantes universitários da década de 60 misturando Marx e Freud. Em *Eros e Civilização* e *A Ideologia da Sociedade Industrial*, ele prometia que a derrocada do capitalismo e de sua falsa consciência resultaria numa sociedade na qual as maiores satisfações seriam sexuais, do gênero que o moralista burguês Freud chamava polimórficas e infantis. O rock faz percutir a mesma tecla na juventude. A livre expressão sexual, o anarquismo, o solapar inconsciente irracional, dando-lhe rédea solta, são o que têm em comum. (BLOOM, 1989, p. 99)

Como apropriadamente dizia a letra de um dos expoentes do Rock’n Roll brasileiro, Cazusa, muitos dos heróis da geração de 1968, sobretudo dentre os ídolos do rock, “morreram de overdose” antes de chegarem ao século XXI. Alguns

remanescentes, contudo, continuam na ativa e são aclamados como divindades ainda hoje, mesmo que já não façam a mesma música que um dia fizeram. Dentre estes veteranos está o vocalista dos *Rolling Stones* Mick Jagger, figura da qual Bloom se serve para ponderar sobre os motivos pelos quais alguém como Jagger tenha se tornado, ao mesmo tempo, um herói e um modelo para aquela geração questionadora e politizada:

No palco, era homem e mulher, heterossexual e homossexual. Livre de preocupações quanto à modéstia, entrava nos sonhos de todo o mundo, prometendo fazer tudo com todos. Acima de tudo, dava legitimidade às drogas, que representavam o verdadeiro frêmito que pais e policiais conspiravam para negar à sua juvenil platéia. Mick Jagger estava acima da lei moral e política, para a qual torcia o nariz. [...] De modo inconsciente e sem querer, porém, Mick Jagger desempenhou na vida deles o papel que Napoleão teve na vida comum da juventude francesa durante o século 19: todos eram chatos e ineptos para exaltar as paixões juvenis. Jagger percebeu isso. (BLOOM, 1989, p. 100)

Sobre o as mensagens que as letras de rock comunicam, Bloom avalia:

De maneira implícita e explícita, as letras descrevem atos físicos que satisfazem o desejo sexual e os tratam como uma culminância natural e rotineira, para crianças que ainda não fazem a menor idéia do amor, do casamento e da família. O efeito é muito mais violento do que a pornografia sobre os adolescentes, que não têm a necessidade de assistir ao que os outros fazem, brutalmente, se podem fazê-los eles mesmos com tanta facilidade. [...] Os grandes temas das canções são o sexo, o ódio e uma versão hipócrita do amor fraternal.¹⁶ (BLOOM, 1989, p. 94-95)

Poderíamos também citar uma série de artistas atuais do *showbiz*, expoentes do rock ou de outros estilos, que pregam comportamentos e ideologias advindos daquele mesmo processo de revolução cultural deflagrado na década de 1960, que fora idealizado pelos pioneiros do Marxismo Ocidental desde a década de 1920. Usemos, porém, um único exemplo a título de análise: a cantora de pop-rock Lady Gaga, fenômeno de popularidade em 2010. Em entrevista ao jornal *News Of The World*, a cantora revelou que, quando era mais jovem, usava LSD e cocaína – o que a teria levado à morte, não fosse a ajuda de seu pai, segundo testemunhou – porque queria ser “como o Mick Jagger e o Andy Warhol” (cf. LUX, 2010). Assim, por um instante uma *popstar*

¹⁶ Em 2009, uma pesquisa feita pela Universidade de Pittsburgh, nos EUA, sugeriu que as músicas com conteúdo sexual depreciativo estimulam os jovens a terem uma vida sexual mais ativa, segundo matéria da BBC Brasil de 24 de fev. de 2009. Outro estudo noticiado pela mesma agência em 20 de fev. de 2007 havia constatado que a sexualização na mídia tem afetado a saúde mental de meninas devido à exposição das mulheres como objetos de desejo sexual nos meios de comunicação, conforme concluiu a Associação Americana de Psicologia, que conduziu a pesquisa.

contemporânea converteu-se, ela própria, em uma vítima-exemplo da influência que *popstars* usuários de narcóticos podem ter na percepção que os jovens têm sobre as drogas. Gaga também admitiu que ainda consome cocaína às vezes, apesar de assegurar que não é mais viciada.

Os clipes de dois dos sucessos de Gaga, *Bad Romance* e *Alejandro*, expressam mensagens explícitas de apoio ao feminismo anti-matrimonial, às relações sexuais “homoafetivas” e de desprezo pelos símbolos religiosos, isto é, pelo rosário que a cantora “engole” no clipe de *Alejandro* e pelo hábito de freira que Gaga veste no mesmo vídeo, pouco antes de aparecer simulando relações sexuais com diversos homens e, estes, também entre si. O que muitas vezes estava apenas nas letras das músicas de rock, Gaga transformou em vídeos que recebem milhões de acessos todos os dias na internet. E ponderando quanto ao conteúdo ideológico do seu trabalho, pode-se inferir que há fortes sinais de que se trata de uma versão pós-moderna da herança dos valores contraculturais de Maio de 1968 e de todas as implicações sócio-comportamentais que daí sobrevieram.

Conclusão

Uma vez que, segundo Edgar Morin (1997), a cultura difundida pelos *mass media* “cria uma nova universalidade, a partir de elementos culturais particulares à civilização moderna” (p. 45) e que o conteúdo desta cultura massificada “não é imposta pelas instituições sociais, [pois] ela depende da indústria e do comércio” (idem, p. 46), nada obsta que a Indústria Cultural seja difusora de discursos antagônicos à própria democracia liberal capitalista que lhe possibilita tal independência, bastando que os produtos culturais nos quais este discurso está embutido tenham sucesso no mercado. Ademais, a própria economia de mercado, no seu caráter essencialmente mutável, torna possível a substituição gradativa de valores e convenções sociais. O sistema capitalista em si possibilita a fugacidade de princípios morais e normas de conduta, uma vez que enquanto arranjo sócio-econômico ele não está alicerçado sobre fundamentos morais intrínsecos, apesar de ter se desenvolvido dentro de um contexto cultural plasmado por um código moral específico, o judaico-cristão.

Assim, consideramos que os grandes empresários dos meios de comunicação ou, digamos, os “donos da Indústria Cultural”, em geral, não privilegiam ideologias, nem

descartam quaisquer discursos ideológicos que venham a ser produzidos nos seus *media*, uma vez que a meta destas empresas é tão somente aprazer ao seu mercado consumidor e o objetivo de seus proprietários não é outro senão oferecer produtos culturais que lhes possibilitem lucrar cada vez mais e conquistar sempre mais o consumo das massas. Um exemplo disto é a própria atitude supracitada do então dono da TV Globo, Roberto Marinho, que, segundo um dos seus executivos – José Bonifácio Sobrinho, o “Boni” – manteve, produzindo conteúdo em sua emissora, funcionários que eram contra a sua própria visão política; provavelmente porque os produtos que eles criavam rendiam boa audiência.

Desta forma, observamos que os valores e idéias que são comunicados pelos *mass media* independem em geral de quem são e o que pensam seus proprietários, uma vez que não são eles quem, de fato, produzem conteúdo. Por outro lado, por estarem na linha de frente da produção cultural, entendemos que os jornalistas, cineastas, dramaturgos, editores, músicos famosos, astros e estrelas do *showbiz*, a *intelligentsia mainstream* e os produtores em geral são os verdadeiros detentores do poder da palavra e da imagem nos *mass media*. Logo, nada tem impedido que, como prescrevia Gramsci, os próprios “aparelhos privados de hegemonia” sejam gradualmente conquistados e instrumentalizados por “intelectuais orgânicos” de formação materialista dialética. Para que se verifique o fenômeno, basta averiguar, não quem são e o que pensam os donos dos meios, mas sim qual é a real composição sociológica e ideológica dos agentes de produção de discurso inseridos neles. A “guerra cultural” e o “novo senso comum” que ela sutilmente vai implantando não dependem de uma concatenação perfeita entre os agentes nem de um planejamento central altamente organizado; ela se propaga pela simples difusão natural do discurso subversor a partir dos *think tankers* que o geram. Pois a elite intelectual que o impulsiona trabalha para gerar formadores de opinião intermediários que possam ter a “capacidade de se tornarem referências de massas, politizados e qualificados do ponto de vista cultural”, conforme prescrevia Tarso Genro em 1990. Supõe-se que a grande maioria de seus agentes, a vasta maioria dos disseminadores desse discurso, nem sequer tenha consciência de que está contribuindo com uma estratégia socialista por um novo modelo de sociedade que lentamente vai se instaurando na medida em que vence as resistências culturais. Tampouco atentam para o fato de que, por trás do discurso que ajudam a propagar, há um projeto político por uma nova “hegemonia intelectual e moral”.

No entanto, observamos que esta “guerra” é aberta e pode-se percebê-la em discussões cotidianas que dividem opiniões e envolvem concepções morais e filosóficas, como as alterações acerca da legalização do aborto, da eutanásia, da liberalização das drogas, da “diminuição da maioria sexual”, da educação sexual permissiva nas escolas, etc. Trata-se de um embate concreto e escancarado entre cosmovisões antagônicas, pois, como salienta Nazaré (2008), à medida que fosse sendo assumida pelos intelectuais de esquerda “essa luta buscaria, usando os meios de comunicação social, envolver o conjunto da sociedade numa tentativa de estigmatizar os valores tradicionais e implantar valores materialistas” (NAZARÉ, 2008, p. 24). Contudo, vale salientar que os *mass media* são apenas um, dentre os diversos campos de atuação desta *práxis*. E para indagar um pouco mais acerca desta atividade política no campo dos meios de comunicação é que quisemos colaborar com este trabalho, esperando que outras contribuições surjam na academia para dar continuidade a esta discussão.

Referências Bibliográficas e Digitais:

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. São Paulo: Edições Graal, 2003.

AMADEO, Javier. Mapeando o marxismo. In: Boron, Atílio A.; Amadeo, Javier e González, Sabrina. **A teoria marxista hoje: Problemas e perspectivas**. São Paulo: Expressão Popular-Clacso, 2007. (O capítulo citado, nº 3, está disponível em <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/campus/marxispt/cap.%203.doc>)

ANDERSON, Perry. **Considerações sobre o Marxismo Ocidental**. Porto: Edições Afrontamento, 1976.

ANGEL, Robert Cooley. **Free Society and Moral Crisis**. Toronto: Ambassador Books Limited, 1965.

BEZMENOV, Yuri; GRIFFIN, G. Edward. **Soviet Subversion of the Free-World Press: A Conversation with Yuri Bezmenov** [Videotape]. Westlake Village, CA: American Media, 1984 (Disponível em: <http://video.google.com/videoplay?docid=915448763957391352#docid=2307456730142665916>>)

BREVE storia del Living Theatre. **Site do Living Theatre Europa**. Disponível em: <<http://www.livingeuropa.org/storia-living.html>>. Acessado em 12 nov. 2010.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

CARVALHO, Olavo de. **A Nova Era e a Revolução Cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci**. 3ª ed. Rio de Janeiro: IAL & Stella Caymmi, 1994. (Disponível para download na homepage do autor: www.olavodecarvalho.org/livros/neindex.htm).

_____. **O Futuro do Pensamento Brasileiro**. São Paulo: É Realizações, 2007.

_____. Miséria intelectual sem fim. *Diário do Comércio*. São Paulo, 15 ago. 2005. *Opinião*, p. 2-3. (Disponível em: <www.olavodecarvalho.org/semana/050815dc.htm>)

_____. O fim de uma longa farsa. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 10 fev. 2007. (Disponível em: <<http://br.groups.yahoo.com/group/noticias-lepanto/message/2447>>)

_____ O inimigo é um só. *Diário do Comércio*. São Paulo, 08 jan. 2007. *Opinião*, p. 2-3. (Disponível em: <<http://www.olavodecarvalho.org/semana/070108dc.htm>>)

CORÇÃO, Gustavo. Guernica. *O Globo*. Rio de Janeiro, 06 out. 1973. Disponível em: <<http://blog.anatolli.com.br/2009/04/03/o-mito-de-guernica/>>. Acessado em 15 nov. 2010.

COUTINHO, Carlos Nelson (org.); NOGUEIRA, Marco Aurélio (org.). 2ª ed. **Gramsci e a América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

DOUGLASS, Joseph D. **Red Cocaine: The Drugging of America and the West**. London: Edward Harle, 1999.

ESTUDO do BID relaciona novelas a divórcios no Brasil. **Site da BBC Brasil**. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/01/090130_noveladivorciobrasil_np_tc2.shtml>. Acessado em 15 nov. 2010.

FARAH, Joseph. The monster known as Kinsey. **Site do World Net Daily**. Disponível em: <<http://www.wnd.com/index.php?fa=PAGE.view&pageId=216737>>. Acessado em 07 nov. 2010.

GARCIA, Marco Aurélio. A social-democracia e o PT. In: PAIM, Antonio (org.). **O Socialismo Brasileiro**. Brasília: Instituto Teotônio Vilela, 2000.

GENRO, Tarso. Gramsci, Rosa e o PT – A história se reflete. **Site da Fundação Perseu Abramo**. abr./mai./jun. 1990 Disponível em: <<http://www.fpabramo.org.br/o-que-fazemos/editora/teoria-e-debate/edicoes-anteriores/ensaio-gramsci-rosa-e-o-pt-historia-se-refl>>. Acessado em 18 nov. 2010.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GODAWA, Brian. **Hollywood Worldviews: watching movies with wisdom and discernment**. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2002.

GOMES, Dias. **Apenas um subversivo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. 9ª ed. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

HOBBSBAWN, Eric. **Revolucionários: Ensaio Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

IANNI, Octavio. **Revolução e Cultura**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1983.

IRMÃ de Fidel Castro pede democracia em Cuba. **Site R7 Notícias**. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/internacional/noticias/irma-de-fidel-castro-pede-democracia-em-cuba-20091027.html>>. Acessado em 15 nov. 2010.

LABAKI, Aimar. **José Celso Martinês Corrêa**. São Paulo: Publifolha, 2002.

LUX, Redação. Lady Gaga revela que consumia drogas para ser como Mick Jagger. **Site Lux**. Disponível em: < <http://www.lux.iol.pt/moda-e-social/lady-gaga-drogas-cocaina-lsd-tia-espírito/1137877-4061.html>>. Acessado em 18 nov. 2010

LUKÁCS, Georg. **História e Consciência de Classe**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MACCIOCCHI, Maria-Antonietta. **A Favor de Gramsci**. Trad. Angelina Peralva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

MERQUIOR, José Guilherme. **Arte e Sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

MESCHINI, Marco. As Cruzadas imaginárias de Ridley Scott. **Site da Agência de Notícias Zenit**. 16 mai 2005 Disponível em: < <http://www.zenit.org/article-7589?l=portuguese>>. Acessado em 16 nov. 2010.

MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em “tempo real” – O Fetiche da Velocidade**. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

_____. **Pensando Contra os Fatos**. Jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

MÚSICA estimula vida sexual dos jovens, diz estudo. **Site da BBC Brasil**. 24 fev. 2009 Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/02/090224_musicasexo_fp.shtml>. Acessado em 18 nov. 2010.

NAZARÉ, Gilberto José de. **Interdiscursividade e posicionamento liberal: a construção midiática do discurso pró-aborto**. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Franca, Franca.

NOUVELLE Vague, a crise dos anos 50 expressa pelo cinema francês. **Caderno Cultural do site do Partido da Causa Operária**. 15 fev. 2009. Disponível em: <http://www.pco.org.br/conoticias/ler_materia.php?mat=12327> Acessado em 16 nov. 2010.

OPPERMANN, Álvaro. Kinsey Fala de Sexo. **Site da Revista Superinteressante**. Disponível em: <http://super.abril.com.br/superarquivo/2005/conteudo_373121.shtml>. Acessado em 07 nov. 2010.

PACEPA, Ion Mihai. Moscow's assault on the Vatican. **National Review Online**. 25 jan. 2007. Disponível em: <<http://www.nationalreview.com/articles/219739/moscows-assault-vatican/ion-mihai-pacepa#>> Acessado em 15 nov. 10.

PAIM, Antonio. **Marxismo e Descendência**. Campinas: Vide Editorial, 2009

PAOLA, Heitor de. **As Raízes do Eixo do Mal Latino-americano**. São Paulo: É Realizações, 2008

REISMAN, Judith. **Kinsey: Crimes & Consequences**. 2ª Ed. Crestwood, KY: The Institute for Media Education, 2000. (Prefácio em português disponível em: <<http://www.midiaamais.com.br/cultura/301-uma-odisseia-pessoal-ate-a-verdade-parte-i>> e <<http://www.midiaamais.com.br/cultura/306-uma-odisseia-pessoal-ate-a-verdade-parte-ii>>. Acessado em 07 nov. 2010.)

_____. Os frutos da “liberdade” sexual. **Site Midia@Mais**. Disponível em: <<http://www.midiaamais.com.br/cultura/670-os-frutos-da-liberdade-sexual>> Acessado em 07 nov. 2010.

RIDENTI, Marcelo. 1968: Rebeliões e Utopias. In: FERREIRA, Jorge (Org.); FILHO, Daniel Aarão Reis (Org.); ZENHA, Celeste (Org.). **O Século XX: O tempo das dúvidas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p.133-159.

RODA VIVA. Apresentado por Marília Gabriela. São Paulo: TV Cultura, 13 set. 2010, 22 h. Duração 24 min. **Entrevista com José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni**. Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=4L-7MX2zL6s&feature=related> >. Acessado em 12 nov. 2010.

SEMERARO, Giovanni. Para uma teoria do conhecimento em Gramsci. **Gramsci no Brasil**. Disponível em <<http://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=284>>. Acessado em 20 jun. 2010

SETARO, André. “A Chinesa”, de Godard, denuncia o Maio de 68. **Site Terra Magazine**. 27 mai 2008. Disponível em: <<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI2909940-EI11347,00-A+Chinesa+de+Godard+denuncia+Maio+de.html>> Acessado em 16 nov. 10

SEXUALIZAÇÃO na mídia afeta saúde mental de meninas, diz estudo. **Site da BBC Brasil** 20 fev. 2010. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2007/02/070220_sexualizacaomeninas_ir.shtml>. Acessado em 18 nov. 2010

SILVA, Fernando de Barros e. **Chico Buarque**. São Paulo: Publifolha, 2004.

VENTURA, Zuenir. **1968: O Ano que Não Terminou**. 3ª ed. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008a.

_____ **1968: O que fizemos de nós**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008b.

VIEIRA, Marilene. **Filosofia da Educação na formação do pedagogo: discurso de autonomia e fabricação da heteronomia**. 2010. **Tese** (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo.

WOODS JR., Thomas E. **How the Catholic Church Built Western Civilization**. Washington DC: Regnery Publishing Inc., 2005.

KAUFFER, Rémi. **site da Revista História Viva**. Edição 32 - junho de 2006.

Disponível

em:

<http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/o_caso_rosenberg_revisitado.html>.

Acessado em 17 nov. 2010